

80 e CAPITULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA.

BERTOLDO - Pruquê suncê num entra na sala e num vai tocá vitrole pra se adistraí, por enquanto ela num chega? A úrtima veiz que ela teve na cidade, trouxe um monte dessas roda preta que ela bota ali e a gente ouve as pessoas cantá. É uma coisa muito importante. A gente oiando anssim, num diz, mas uvindo, dá pra ficá de boca aberta.

RODRIGO - Eu sei. Já ouvi muitas vezes. No meu quarto eu tenho uma eletrola. Quando não tenho que estudar ou visitar minha noiva, sempre ouço música.

BERTOLDO - Puis então se o sinhô sabe lidá com aquilo, pode butá pra gente uvi.

RODRIGO - Está ben. Si tú tens vontade de ouvir... Enquanto se espera...

C/REGRA - PASSOS DE RODRIGO QUE SE AFASTAM.

BERTOLDO - (MEIA VOZ) E por inquanto ele faz isso, eu vou istragá o artomove dele, mode êle tê que ficá aqui esta noute e eu pudê dizê que foi êle quem matou ela.

C/REGRA - PASSOS DE BERTOLDO, NA MADEIRA, DESCENDO DOIS DEGRAUS E EM TERRA, DE BOIS, AFASTANDO-SE.

TÉCNICA - ENTRA COM UM DISCO DE CANTOR OU CANTORA DE OPERA OU OPERETA. FICA EM B

C/REGRA - PASSOS DE RODRIGO QUE SE APROXIMAM DA VARANDA.

RODRIGO - (VIENDO, PALANDO) Essa música que você vai ouvir é cantada por um dos melhores... (CORTA. TRANSIÇÃO) Ué, êle fez questão que eu puzesse a vitrola a funcionar para ouvir música e deu o fora daqui. Talvez venha logo. Vamos esperá-lo.

TÉCNICA - SOBE A MUSICA EM BG PARA FAZER CORTINA E VOLTA A B/G, PIVANDO LONGE.

CATARINA - Ué, Bertoldo, quem é que poz a minha vitrola a funcionar, você?

BERTOLDO - Eu não, dona. Nem sei lidá com aquilo. É aquele moço que já teve aí da outra veiz que tá isperano a sinhora mode tê uma conversa, ele disse.

CATARINA - Rodrigo? Mas você não devia ter mandado ele entrar, Bertoldo. Devia ter dito que eu estava viajando que ele tinha dado o fora no mesmo instante. E depois você tem ordem minha para não deixar entrar ninguem. Como é que foi fazer isto?

BERTOLDO - Ele priguntô se podia intrá e tocá aquele trôço por inquanto isperava a sinhora, eu disse que podia.

CATARINA - Mas não podia dizer. Você não sabe que ele é meu inimigo? Parece até que você fez de propósito, Bertoldo. Palavra que eu estou lhe extra-
nhando. Que está acontecendo com você?

BERTOLDO - Nada, sua dona. Eu num davia, mas já fiz, num vou dá vorta pra traiz. Mas a sinhora pode ficá assucegada que aminhá já num vai mais se inco-
modá comigo.

CATARINA - Por que? Você está pretendendo ir embora? Você não tem o direito de me fazer isto, principalmente agora que eu pretendo viajar no sábado e só irei descansada se você ficar aqui.

BERTOLDO - Eu num tô pretendendo ir simhora, não, sua dona. Eu só disse que aminhá suncoé num se incomoda mais praquê eu vou butá sintido pra tumá geito. Só isso.

CATARINA - Ainda bem. Puxa que agora você me deu um susto enorme. Bem, deixa-me ir lá na sala atender aquela pinóia que lá está.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

CATARINA - O senhor queria falar comigo, seu Rodrigo?

RODRIGO - Boa noite, Catarina. Quería, sim. Venho perturbá-la?

CATARINA - Todas as pessoas que me são ligadas desde o tempo em que eu era uma simples servicial, para dizer a verdade não me são gratas quando apare-
cem. Talvez porque me recordem aquela posição humilde a que as necessi-
dades de vida me arrastaram.

RODRIGO - Mas você saiu-se tão bem daquela fase de pobreza que em vez de sentir-se deprimida ou humilhada, devia sentir-se orgulhosa de sua verdadeira feqsnha. Olhe que não é muito comum uma mulher sósinha, subir de servi-
çal a ~~proprietária~~ proprietária de uma granja; não lhe parece?

CATARINA - Talvez. Mas tudo foi com tão grande sacrifício de minha parte que pre-
firo mil vezes não recordar.

RODRIGO - Em geral... quem não gosta de recordar... foge de um remorso qualquer. Não será isto que está acontecendo com você?

CATARINA - Não sei, mas gostaria de saber se foi para confessar-me que veio aqui hoje.

RODRIGO - Não perderia meu tempo. Sei que você morreria, antes de confessar qual-
quer ~~uma~~ das suas muitas faltas ou pecados tremendos. Não vim para confessá-la, mas vim para lhe fazer uma séria advertência. Sei que tudo que tem acontecido à minha madrastra e à dona Tereza, tem sido ins-
pirado por você. Ou melhor, é você a autora intelectual de todos os cri-

RODRIGO - (CONTINUAÇÃO) mes que meu pai tem praticado, ou autorizado ~~x~~ outros a praticarem. Portanto, advirto-lhe que será responsabilizada por mim, de qualquer coisa que elas possam vir a sofrer.

CATARINA - Acho que o senhor não está medido muito bem as suas palavras e não se apercebeu bem de que está me fazendo uma ameaça. Mas, sem pretender discutir as sandices que acabou de dizer, quero prevenir-lhe, apenas, que não me assusto de caretas. Se pretende arranjar um testa de ferro para as loucuras praticadas por seu pai, busque outra que não seja eu, porque ~~eu~~ não estou disposta a representar semelhante papel. Si acha que sou autora intelectual de crimes, por que não me denuncia? Porque sabe que seu pai levaria a ~~malme~~ pior, não é isto? Por que tem certeza de que ~~ix~~ os fatos são exatamente ao contrário do que está dizendo. Quer defender sua madrasta, ou aquela velha caduca que ela tem como dama de companhia, faça-o, mas defenda-as de seu pai, antes de qualquer outro.

RODRIGO - Não estou pretendendo defender o meu pai. Acuso-o, também e violentamente, mas meu pai tem uma desculpa: é um doente que está marchando a passos largos para a loucura. A senhora é sã. Está sabendo perfeitamente o que faz, portanto, de qualquer modo, muito mais culpada do que ele.

CATARINA - Eu gostaria de saber com que direito você me acusa de ter praticado crimes, sem ter qualquer prova deles. Sabe que poderia processá-lo por crime de calúnia?

RODRIGO - Processe, se quiser. Eu não retiro uma só palavra de tudo quanto lhe disse. Se acha que a estou caluniando, processe-me e eu apresentarei as provas que tenho, para defender-me.

TECNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

CATARINA - As provas? Que provas pode ter? Diga.

RODRIGO - Não farei uso delas, sinão na ocasião oportuna. Se tem, realmente, curiosidade em conhecê-las, já sabe qual é o caminho que deve seguir.

CATARINA - Sei, mas não será este o caminho que seguirei. Ele será bem diferente do que possa imaginar.

RODRIGO - Siga o caminho que quiser que a mim não me interessa. O que quero, já lhe disse. Que minha madrasta e dona Tereza sejam deixadas em paz e o que já lhe disse vou repetir, para que fique bem gravado na sua memória. Pobre daquele ou daquela que tentar fazer alguma coisa para as duas.

CATARINA - Socegue, rapaz. Socegue porque nem a sua madrasta e menos ainda aquela velha coroca, estão me interessando. Elas que fiquem por lá e também não me incomodem.

RODRIGO - Acho bom. Acho muito bom que seja realmente assim.

C/REGRA - PASSOS DE BERTOLDO QUE SE APROXIMAM.

BERTOLDO - Sra dona, ^{si} o moço vai fiar aí, eu tenho que preparar o pôso.

CATARINA - Não sei si ele vai querer ficar. Se quiser, é lógico que não lhe vou negar pousada.

RODRIGO - Obrigado. Vim com o meu carro e volto agora mesmo, embora não goste de viajar de noite.

CATARINA - Mas vai viajar porque quer. Se preferir ficar, Bertoldo arruma-lhe o ~~quarto~~ quarto num momento.

RODRIGO - Já lhe disse que não é necessário. Prefiro viajar.

CATARINA - Está bem. Faça como quiser.

RODRIGO - Com licença, então... boa noite... e não esqueça de que tenho provas. Provas, ouviu bem?

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM, DESCEM OS DEGRAUS DA VARANDA E BOMEM NA TERRA.

CATARINA - Provas! Que provas ele poderá ter? Conta mim, não acredito que tenha. Em todo caso... seguro morreu de velho. (TOM) Bertoldo...

BERTOLDO - Tronto, sra dona.

CATARINA - Vamos ter um trabalho muito importante para esta noite. Dê um jeito, rápido, de impossibilitar a saída do carro dele. Ele precisa pernitar aqui. Esvacie os pneus... imobilize o motor... fure o tanque da gasolina... faça qualquer coisa, contanto que ele não possa ir embora. (TIM) ~~XXXXXXXX~~ Mas depressa, Bertoldo, vamos. Não fique aí parado como um idiota. De um jeito de cortar caminho e chegar ao galpão, onde está o carro, primeiro do que ele.

BERTOLDO - Num precisa ficar nervosa, sra dona, que ele num vai pudê sair.

CATARINA - Não vai? Por que? Você fez alguma coisa?

BERTOLDO - Fiz, sra dona, Dêis que ele chegou que eu intentei que ele tinha que arrumar aqui esta noite.

CATARINA - Pois bem, então já estamos com meio caminho andado. Você já sabe o que precisa fazer?

BERTOLDO - Tô carolejando, sim, sra dona.

CATARINA - Esta noite, Bertoldo, vai ser uma noite de gala para nós.

BERTOLDO - Vai sim sra dona. Esta noite dos inferno pro uma certa pessoa.

CATARINA - E será um de menos a nos incomodar, de amanhã em diante.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA INÍCIO DA 2ª PARTE. FUNDE COM RUÍDO DE AUTOMÓVEL CUJO MOTOR NÃO HÁ GEITO DE LIGAR.

G/REGRA - COMPLEMENTA COM RUÍDOS PRÓPRIOS.

RODRIGO - Que coisa estranha... não há geito deste motor querer pegar... Há mais de meia hora que tento todos os recursos e nenhum deles me vale... (TOM) E eu não queria dormir aqui, não queria. Mas se eu não tiver outro recurso, dormirei aqui mesmo no automóvel. Aceitar a hospedagem dela é que eu não aceito de geito nenhum.

G/REGRA - PASSOS QUE SE APROXIMAM NA AREIA BATIDA.

BERTOLDO - Que é que houve com o carro, moço?

RODRIGO - Sei lá. Não há geito do motor querer pegar. E ele estava tão bem. Deve ter sido na viagem para cá. Por aqui por perto não haverá uma oficina, ou ao menos um mecânico competente, que seja capaz de me fazer funcionar este motor?

BERTOLDO - Óie, moço, havê, hay. A quistã é que a essa hora ele já fechô a oficina e agora só às oito hora da minhã, aminhã.

RODRIGO - Que pena! Eu precisava tanto voltar hoje mesmo...

BERTOLDO - A sua dona mandou dizê que suncê vá drumi lá que ela já mandô arrumá o quarto. Ela disse que faz mais de meia hora que ela tá vindo, de lá, que o ortomóve num qué pegá.

RODRIGO - Não faz mal. Diga à sua patrão que eu agradeço muito, mas não vou aceitar. Se o automóvel, até ao fim, não pegar mesmo, eu dormirei aqui, dentro dele. E se de manhã você quiser ir chamar o mecânico para mim, eu também ficarei muito agradecido.

BERTOLDO - Tarvez num xege perciso. Bamo vê. Em todos os caso, até aminhã.

RODRIGO - Até amanhã. Obrigado.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

CLAUDIA - Desculpe se venho importuná-la, dona Arabela, mas eu precisava muito falar com seu Rodrigo.

ARABELA - Meu neto não está, Claudia. Viajou hoje e deve voltar amanhã, penso eu.

CLAUDIA - Óra que pena! Eu queria tanto dar-lhe uma notícia boa. Até agora parece que só dei ruins.

ARABELA - Não diga isto. Mas que notícia boa é essa? Eu não posso saber?

CLAUDIA - Naturalmente que sim e eu vou dizer à senhora, mas peço-lhe que não conte nada a ele, porque eu mesma quero dar-lhe a notícia.

ARABELA - Perfeitamente. Pode estar descansada que eu não direi uma só palavra do que você me disser.

CLAUDIA - Obrigada. A senhora se lembra que eu vim aqui muito assustada, contar ao seu Rodrigo que estava sendo seguida por um homem que parava sempre na esquina de nossa casa, quando eu saía para o serviço e quando voltava?

ARABELA - Lembra-me, como não? Isso foi outro dia. E ainda ante-ontem Rodrigo estava falando que precisava ir até lá, para esclarecer bem isto, porque se fosse realmente algum espião a serviço do pai dele que ele ia tratar de retirá-los de lá o quanto antes.

CLAUDIA - Mas não era espião coisa nenhuma, dona Arabela. A senhora sabe o que era?

ARABELA - Sei. Quando você contou aí toda essa história, muito assustada, eu logo fiquei pensando: isso é volta de namoro. Algum rapaz que se entusiasmou por ela e está procurando-a com a intenção de conquistá-la.

CLAUDIA - Puxa vida, dona Arabela, que a senhora parece que adivinha as coisas!...

ARABELA - Mas isso nem era difícil de prever. Você é uma moça bonita, bem feita de corpo, sabe andar com muita graça, sabe conversar com inteligência... não podia deixar de interessar os rapazes de lá.

CLAUDIA - Mas a senhora sabe que eu ainda não acreditei bem no que está acontecendo? Penso, penso e me parece que estou sonhando...

ARABELA - Ora essa, mas por que, afinal?! Você acha que não pode agradar a um rapaz

CLAUDIA - Mas logo um rapaz rico, dona Arabela? Um rapaz que é sócio do pai em várias salinas ^{e terras} em Araruama e Saquarema? Um rapaz bonito, com automóvel, com cavalos de raça, com uma casa maravilhosa no canal... Um rapaz em perfeitas condições de conquistar a qualquer moça rica que lhe agradasse?

ARABELA - Pois então? O bom é justamente que ele seja assim, para poder oferecer-lhe todo o conforto.

CLAUDIA - Mas é demais para mim, dona Arabela! Eu não mereço tanto. Uma pobre moça sem eira nem beira, que vive do seu modesto ordenado...

ARABELA - Você merece muito mais, deixe de ser tola. E eu quero conhecer esse rapaz para poder dizer a ele o que você é e o que você vale. Mas conte-me como foi que estabeleceram o primeiro contato. Estou curiosa para saber.

CLAUDIA - Eu vinha de volta do serviço, muito preocupada porque já estava escurecendo e ~~eu~~ com o sentido no tal homem que eu achava que era um espião de seu Ietrônio. Todos os dias eu fazia um caminho maior, para não passar por ele, mas justamente porque estava mais tarde, resolvi cortar caminho e enfrentar a fera que me cuidava, lá do seu esconderijo. Quando ia chegando perto dele, para fingir uma coragem que ~~eu~~ não sentia, resolvi encará-lo de frente. Olhei-o fixamente e ele sorriu para mim, com doçura,

CLAUDIA - (CONTINUAÇÃO) desfazendo, naquele mesmo instante, todos os meus receios. Deu-me boa noite e eu, muito embaraçada, não tive outro remédio senão resmungar uma resposta. Ainda não tinha conseguido me refazer do susto que a sua súbita atitude me pregara e já o vejo caminhando a meu lado e pedindo-me que consentisse em que ele me acompanhasse até em casa, já que estava escuro e eu deveria atravessar um trecho quasi despovoado. Nem sei se lhe disse sim, ou não... palavra de honra que não sei...

ARABELA - É assim mesmo que acontece, quando a gente se embaraça diante de um rapaz que nos cause qualquer impressão positiva. Apesar dos anos todos que passaram sobre a minha vida, ainda me lembro do que senti em situação semelhante a essa sua. Mas continue... continue...

CLAUDIA - Bem... eu não sei o que disse. Sei, apenas que ele me acompanhou até em casa, disse quem era, o que fazia e a quem eu podia pedir informações sobre a sua pessoa. Eu acho que o alívio que senti em saber que ele não era um espião de seu Petrônio, fez com que eu não tivesse coragem de recusá-lo. Agora... faz uns cinco ou seis dias que ele me acompanha e ontem pediu para conhecer minha mãe e falar com ela. Creio que amanhã esse encontro acontecerá. Eu estou tão feliz, dona Arabela... tão feliz... que até sinto medo.

ARABELA - Deixe-se de maus agouros. Há um ditado ~~quaxá~~ assim: "quem muda de terra, muda de sorte". Você agora, si Deus quizer, vai encontrar o seu verdadeiro destino. Vai receber o justo prêmio pela sua coragem e pela sua lealdade. Rodrigo vai ficar muito feliz de saber tudo isto.

CLAUDIA - Mas a senhora vai deixar que eu conte a ele; não vai?

ARABELA - Claro. E a notícia nem teria tanto sabor, se não fôsse contada por você. Penso que esta noite, tarde, ou na madrugada de amanhã, ele deve estar por aqui, de volta.

CLAUDIA - Mas esta semana eu não poderei voltar. Talvez, agora, só no princípio da outra.

ARABELA - Mas então você espere porque, com toda a certeza, ele vai lá, antes disso. É bem possível, até, que vá amanhã.

CLAUDIA - Não houve nenhuma novidade com relação a seu Petrônio? Ele não incomodou mais o seu Rodrigo?

ARABELA - Incomodou, sim, mas eu não vou lhe dizer nada porque ele há de querer contar-lhe.

CLAUDIA - Felizmente, até agora, ele ainda não encontrou meu esconderijo.

ARABELLA - E se Deus quizer não vai conseguir encontrá-lo.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

C/ REGRA - TRES BADALADAS DE RELÓGIO PEQUENO EM 2ª PLANO.

CATARINA - (MEIO TOM) Tres horas da manhã e até agora Bertoldo ainda não fez o que tinha que fazer. Pelo menos não senti, lá fora, qualquer rumor estranho. Já por duas vezes o sono quasi me venceu, mas eu não quero dormir. Quero estar acordada para poder tomar logo todas as providências em fazer desaparecer as provas.

TÉCNICA - LATIDOS DE CACHORRO, LÁ FORA, NO CAMPO.

CATARINA - Por que será que os cachorros estão latindo? Será que Bertoldo anda por lá, esperando alguma oportunidade para agir? Si dentro de quinze ou vinte minutos não surgirem sinais de que Bertoldo está agindo, eu vou me levantar para ver, lá fora, si êle não pegou no sono. Ele não pode deixar escapar uma oportunidade como esta. Não pode. Nunca mais êle vai ter, assim, tudo tão fácil.

TÉCNICA - MUGIDO DE BOI, TAMBEM LÁ FORA. OS CACHORROS CONTINUAM A LATIR LONGE.

CATARINA - Que coisa estranha... pode ser que seja impressão minha, mas o ruído daquela porta parece que se mexeu... Agora está parado, novamente, mas houve um momento que êle balançou todo. Pode ser, tambem, um reflexo da lamparina, mas pelo sim, pelo não, eu vou ficar alerta. Alerta e sem desviar os meus olhos dali.

TÉCNICA - PIAR DE CORUJA, LÁ FORA.

CATARINA - Credo, uma coruja! Eu tenho horror desse bicho. Não sou muito de acreditar em bobagens, mas o piar dessa ave sempre me causa um arrepio de horror.

TÉCNICA - REPETE O PIAR DA CORUJA.

CATARINA - Credo! Vai-te, agoureira do inferno, vai-te pra longe! Essa maldita coruja me deixou nervosa. Agora mesmo é que eu não vou conseguir dormir. Talvez fosse melhor levantar-me, apanhar o revolver, revistar o quarto e depois deitar-me, novamente. (PAUSA) Sim, sim... é isto que vou fazer.

TÉCNICA - LATIR DE CACHORROS MAIS PERTO UM POUCO.

CATARINA - Os cães, novamente. (FORTE) Quem está aí? Vamos, responde: quem está aí?

C/REGRA - TIROS DE DOIS REVOLVERS SE CRUZANDO.

TÉCNICA - EXPLOSAO MUSICAL, FUNDE COM CARACTERISTICA PARA ENGARRAMENTO DO CAPITULO

A MARCA DO ÓDIO

- NOVELA ORIGINAL DE ERICO CRAMER -

81º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA. FUNDE COM MUGIDO DE BOI, AFASTADO. CACHORROS LATEM, TAMBÉM AFASTADOS.

CATARINA - Coisa estranha... pode ser que seja impressão minha, mas... o reposteiro daquela porta parece que se mexeu... Agora está parado novamente... mas houve um momento em que ele balançou todo. Pode ser, também, um reflexo da lamparina, mas... pelo sim... pelo não... eu vou ficar alerta. Alerta e sem desviar os meus olhos dali.

TÉCNICA - PIAR DE CORUJA LÁ FORA.

CATARINA - Credo! Uma coruja! Eu tenho horror desse bicho! Não sou muito de acreditar em bobagens, mas o piar dessa ave sempre me causa um arrepio de horror!

TÉCNICA - Repete o piar da coruja.

CATARINA - Credo! Vai-te agoureira do inferno, vai-te para longe! Essa maldita coruja me deixou nervosa. Agora mesmo é que eu não vou conseguir dormir. Talvez fosse melhor levantar-me, apanhar o revólver, revistar o quarto e depois deitar-me novamente. (PAUSA) Sim, sim... é isto que vou fazer.

TÉCNICA - LATIR DE CACHORROS MAIS PERTO UM POUCO.

CATARINA - Os cães, novamente. (FORTE) Quem está aí? Vamos, responde: quem está aí?

G/REGRA - TIROS DE DOIS REVOLVERS SE CRUZANDO.

CATARINA - Ai!... Desgraçado... acertou-me...

TÉCNICA - OS CACHORROS LATEM UM POUCO MAIS PERTO, FURIOSAMENTE (LÁ FORA)

TÉCNICA - EXPLOSÃO MUSICAL FUNDE COM CORTINA. A SEGUIR UM RELÓGIO (O MESMO ANTERIOR) BATE QUATRO BADALADAS. X

BERTOLDO - (APROXIMANDO-SE, AFLITO) Sã dona... sã dona... que aconteceu?... A porta abriu às quatro hora da minhã... prô quê? Nossa! A dona Catarina, toda xuja de sangue... Que foi? Que aconteceu? Sã dona... sã dona... suncê tá me uvindo eu, sã dona?

CATARINA - (MUITO FRACA) Estou... Bertoldo...

BERTOLDO - Que aconteceu, sã dona? Que aconteceu?

CATARINA - Não sei... Havia... um homem... dentro... do meu quarto... Eu percebi... ia me levantar... para ver quem era... quando vi... o fogo... do revólver... Na mesma hora... atirei... mas já tinha... sido... atingida...

BERTOLDO - Suncê tava acordada... ou tava drumindo?

CATARINA - Estava... acordada... esperando... que você... viesse me dizer... que o serviço... estava pronto...

BERTOLDO - Pois num deu pra fazê o serviço, sia dona. Agora memo eu vinha pra dizê pra suncê. O moço sumiu.

CATARINA - Sumiu... como?... Conseguiu... consertar... o automóvel?...

BERTOLDO - Num sei, sia dona, mas acho que não, praquê o artomôve tá lá mas ele num tá. Já percurei por aí tudo... e num achei.

CATARINA - Não podia achar.. Era êle,, com certeza,, que estava aqui,, emboscado... para me matar.

BERTOLDO - Será memo, sia dona?

CATARINA - Só pode... ter sido... êle... Mas eu... ainda quero... me vingar... Bertoldo... ajude-me... eu lhe deixarei... esta granja... mas ajude-me na minha... vingança... Eu... vou morrer... mas êle... vai ficar... com a marca... do meu ódio... pelo resto da sua vida... Ajude-me... Bertoldo... Ajude-me... por favor...

BERTOLDO - Que é que eu posso fazê, sia dona? Diga que eu faço.

CATARINA - Você... não... se arrependerá... Va depressa... na vila... e trag... o delegado... de policia...

BERTOLDO - Quem sabe um dotô pra servá a sia dona?

CATARINA - Não... o delegado... O doutor... nada poderia... fazer... O delegado... Bertoldo... mas depressa... Depressa... antes... que eu já não possa... mais... falar...

BERTOLDO - Tá bem, sia dona, eu vou. Mas e sinhora num vá se esquecê de dizê pra êle que deixa a granja pra mim, tá?

CATARINA - Não me esqueço, Bertoldo. Vá depressa... que eu não... me esquecerei...

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL DRAMÁTICA.

G/REGRA - O MESMO RELÓGIO BATE SETE HORAS.

BERTOLDO - (CHAMANDO) Moço, oh moço... moço...

RODRIGO - O que é que há?

BERTOLDO - Si alivante, moço que o seu dilegado tá lán a casa, chamando suncê.

RODRIGO - O delegado? Mas que aconteceu para o delegado aparecer aqui?

BERTOLDO - Suncê num ouviu os tiro esta noate?

RODRIGO - Não ouvi nada. Custou-me muito pegar no sono, mas quando fui, fui direto. Mas que houve, afinal? Conte, enquanto eu dou um geito na minha roupa que deve estar amassadíssima...

BERTOLDO - Balearo sia Catarina, esta noate.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

RODRIGO - O que foi... que você disse? Balearam Catarina esta noite?

BERTOLDO - Foi, sim sinhô. Balearo.

RODRIGO - Mas quem baleou Catarina? Quem?

BERTOLDO - Bão... isso num se sabe e eu discunfeio que foi pra sabê que o/ seu dilegado mandô chamá suncê.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE SUSTO.

RODRIGO - Mas o que é que eu posso saber se passei toda a noite aqui, neste galpão tão distante da casa?

BERTOLDO - Num sei, seu moço, eu tô fazeno o que o seu dilegado me mando fazê. Ele priguntô anssim quantas pessoa tinha na casa. Eu arrespondi que era dona Catarina e eu. Aí êle priguntô se num vinha mais ninguem. Aí eu me alombrei que o sinhô tava aqui no garpão e falei pre ele. Ele mandou chamá suncê.

RODRIGO - Está bem, vamos lá, mas eu acho que não vou poder adiantar quasi nada. Não ouvi nada... não vi nada...

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL BREVE.

DELEGADO 32 - Pois muito bem, seu Rodrigo, agora que o senhor já me apresentou os seus documentos, vamos ao que mais está interessando neste momento. Houve uma tentativa de assassinato aqui nesta casa, durante a noite. O senhor sabia?

RODRIGO - Não senhor, não sabia. Estava dormindo profundamente, agora de manhã, quando o Bertoldo foi lá me chamar e me contou que Catarina tinha sido baleada.

DELEGADO 32 - Exatamente. Na casa estava apenas ela, dona Catarina e do lado de fora o seu Bertoldo, nas duas peças de madeira que lhe servem de alojamento e o senhor no galpão onde são guardadas as forragens. A não ser que uma outra pessoa tenha penetrado no quarto de dona Catarina, durante a noite e, por qualquer motivo que ignoramos, tivesse resolvido matá-la as suspeitas não podem ser afastadas dos senhores dois. Precisamos, pelo menos até que a coisa tome um novo rumo, debater a questão entre os senhores dois. Seu Bertoldo já me fez algumas declarações e agora gostaria que o senhor também fizesse as suas.

RODRIGO - Pois não. Eu estou pronto a responder qualquer pergunta que o senhor de seje me fazer, mas não acredito que minhas declarações possam adiantar alguma coisa porque cheguei ontem à noite, quasi, com a ideia de voltar ontem mesmo. O carro enguiçou e fui obrigado a permanecer. Catarina ofe

RODRIGO - (CONTINUAÇÃO) receu-me o quarto de hóspedes mas eu agradei e preferi ficar no meu próprio automóvel, lá no galpão. Custou-me um pouco pegar no sono, mas, depois que o fiz, dormi profundamente até há pouco, quando Bertoldo foi lá me chamar.

DELEGADO 3ª - E por que motivo preferiu permanecer no seu carro, quando aqui dentro, num quarto onde havia, inclusive, cama com colchão de molas, o senhor poderia passar muito melhor a noite?

RODRIGO - Porque estava com muita pressa de voltar para casa e pensava arrumar o enguiço, nem que tivesse que trabalhar uma grande parte da noite. Nesse caso eu poderia sair, livremente, sem perturbar o sono de Catarina, nem obrigá-la a levantar-se para fechar a porta.

DELEGADO - Mas o senhor discutiu fortemente com ela, quando chegou aqui; não discutiu?

RODRIGO - Bem... fortemente, não digo. Ficaria melhor empregarmos a expressão acicamente.

DELEGADO - Muito bem, mas e ~~porque~~ por que escondeu esse detalhe?

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL.

RODRIGO - Perdão... eu... eu não escondi, propriamente. Eu... eu pretendia falar nele. Apenas não o fiz, inicialmente.

DELEGADO - E por que discutiu com ela? Vejamos.

RODRIGO - Bem... Catarina estava incomodando muito minha madrastra e sua dama de companhia. Chegou mesmo a ameaçá-las de agressão por motivos tolos. Eu resolvi por um ponto final na situação e vim procurar Catarina para dizer-lhe que estava disposto a reagir si ela voltasse a ir lá incomodá-las. Catarina se ofendeu com a minha intervenção e saiu com uma série de absurdos com relação a papai e à minha madrastra. Vi que ela estava exaltada e resolvi por um ponto final no assunto. Disse-lhe que deixava a advertência e esperava que ela não me obrigasse a voltar aqui.

DELEGADO - Muito bem. E depois?

RODRIGO - Procurei imediatamente me retirar, mas o automóvel enguiçou e eu até à meia noite ou mais, talvez, fiquei lá no galpão procurando arrumá-lo, sem obter resultado. Bertoldo foi lá me oferecer o quarto de hóspedes, eu agradei, ele voltou e me deixou ainda trabalhando no carro. Quando cansei e vi que não ia conseguir arrumá-lo, resolvi deitar-me no assento traseiro e ali passei a noite toda.

DELEGADO - Toda, mesmo?

TÉCNICA - MUSICA PARA FINAL DA 1ª PARTE DO CAPÍTULO.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - MUSICA PARA ABERTURA DA SEGUNDA PARTE DO CAPÍTULO

RODRIGO - Bertoldo foi me oferecer o quarto de hóspedes, eu agradei, ele voltou e me deixou, ainda, trabalhando no carro. Quando cansei e vi que não ia conseguir arrumá-lo, resolvi deitar-me no assento trazeiro e ali passei a noite toda.

DELEGADO - Toda, mesmo?

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL.

RODRIGO - Toda, sim. Por que duvida?

DELEGADO - Porque Bertoldo, a uma certa hora da madrugada esteve no galpão e o senhor não estava.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE INDIGNAÇÃO.

RODRIGO - Não é verdade. Protesto. Se Bertoldo disse semelhante coisa, mentiu descaradamente.

DELEGADO - Diga si ele estava, seu Bertoldo.

BERTOLDO - Num sinhô. Num tava, não. Na hora que eu fui num tava.

TÉCNICA - REPETE A VERGASTADA ANTERIOR.

RODRIGO - Bertoldo, proceda como homem. Diga a verdade. Não minta.

BERTOLDO - Eu tô dizendo a verdade, seu delegado.

RODRIGO - Mentiroso! Infame! A que horas você esteve no galpão que eu não estava? Diga.

BERTOLDO - Havera de sê mais que treis hora.

RODRIGO - E o que é que você andava fazendo a essa hora, acordado? Diga.

BERTOLDO - Bão, eu tava... eu tava drumindo, mas dispois os cachorro cumeçaro a latá a latá, sem pará, eu arresorvi i vê o que é que tava acuntecendo. Me alvante e fui andando, olando tudo, até chegá no garpão das forrage. Aí vi o artomôve e me alambrei que suncé tarveziz quizesse tumá un café e fui le prégantá. Ciei no artomôve... numtinha ninguem.

TÉCNICA - REPETE O ACORDE COM PORÇA.

RODRIGO - Mentiroso! Infame! Você sabe que isto não aconteceu! Você tem certeza absoluta de que está dizendo uma mentira! Nada disto é verdade, senhor delegado. Esse homem está querendo inocentar-se, jogando as culpas para cima dos meus ombros.

BERTOLDO - Eu tô dizendo só o que acunteceu, seu delegado. Mas agora vou dizê argu ma coisa mais que ainda num disse. Eu num tinha nenhuma razão pra matá a patroa. Ganhava bem, me dava bem com ela e nós tava sempre de acôrdo.

RODRIGO - Deveriam estar, mesmo. Pelo que você está se revelando, agora, deveria viver às mil maravilhas com Catarina e entender-se perfeitamente com ela. Já vi que os dois usam os mesmos métodos.

DELEGADO - Deixe o seu Bertoldo falar, seu Rodrigo. É favor não interrompê-lo. Diga o que o senhor prometeu dizer, seu Bertoldo.

BERTOLDO - Esse moço num gostava da sua dona, nem ela gostava dele. Chegou e na mesma hora já começou a batê boca. E na bateção de boca saiu intê o negócio de crime que êle dizia que a sua dona é que tinha culpa e a sua dona dizia que o pai dele é que tinha. Brigaram os dois que só vendo. E aí, quando êle saiu pensando que ia pudê i simhora, disse pra ela que ia voltá e que ela ia pagá pre ele uma conta que ela devia.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

RODRIGO - Esse homem é tão infame e tão sôrdido, que tira partido das menores coisas que ouça, torcendo-as de maneira a comprometer seriamente os outros. Tudo que êle disse, senhor delegado, com exceção de que eu não estava no meu carro às tres horas da manhã, tem um fundo de verdade, mas ele está torcendo os fatos para usá-los como defesa para o crime que cometeu. Sim, porque eu, agora, já não tenho a menor dúvida de que quem atirou contra ~~XXX~~ Catarina foi êle.

BERTOLDO - Óra que bobage! Eu nem tinha razão pra matá ela, seu delegado. Num vai atraiz das bestera dele, não, que ele tá é querendo caí fora e me deixá eu na embuiada. Mas eu vou esperniá, num pense, não. Pensa que praquê ocê é home rico e poderoso pode cundená um inocente que nem eu? Tá enganado. Fode um miseráve que num sabe falá e contá as cousa que acuntecero, mas eu não, que eu sei falá, graças a Deus! Num sei butá banca de divogado, mas sei falá.

RODRIGO - Sabe, sim. Sabe inventar coisas. Torcer coisas. Sabe mentir. Sabe caluniar. Sabe enredar um inocente nas malhas de um crime que você mesmo cometeu. Investigue a minha vida, seu delegado e investigue a vida desse homem. Si a comparação não me der uma vantagem imensa, então eu aceito que o senhor se incline a acreditar-me culpado.

DELEGADO - Não se preocupe, seu Rodrigo, que tudo será investigado. Tanto da sua parte como da dele. Eu agora vou realizar, aqui mesmo dentro desta casa, uma prova que será positiva para mim. Estou apenas esperando que o médico que mandei buscar para examinar dona Catarina, venha do quarto e me diga se nós poderemos ir até lá ouvir, em conjunto, as suas declarações.

TÉCNICA - ACORDE QUE SEJA UMA VERGASTADA FORTE.

BERTOLDO - Isso memo, seu dilegado, isso memo. Bamo priguntá pre ela, na frente de nós tudo. Ela tem que sabê quem foi que baleou ela.

C/REGRA - PASSOS QUE SE APROXIMAM

DELEGADO - E então, doutor? Que me diz?

DOCTOR 22- Não alimento nenhuma esperança de salvá-la. Poderia tentar uma transfusão de sangue, mas uma das balas atingiu-lhe o pulmão, outra parece que alojou-se nos rins e uma terceira, pelos reflexos que ela apresenta, deve ter atingido a espinha. Quando cheguei ela sofria dores horríveis e eu fui obrigado a aplicar-lhe uma injeção calmante. Fiz um curativo nas feridas e agora vamos esperar que ela desperte para resolver se a levamos para o hospital ou se a deixamos morrer aqui.

DELEGADO - Doutor, eu precisava fazer umas duas ou tres perguntas a dona Catarina. O senhor acha que poderia fazê-las? Elas são importantissimas para ~~XXX~~ que se possa desvendar o crime.

DOCTOR - Bem...eu não vou dizer que o senhor não faça as perguntas, uma vez que está me dizendo que elas são importantissimas, mas gostaria que tivesse paciência de esperar, até que ela despertasse. No estado em que se encontra, eu tenho a impressão que a injeção embora forte, não extenderá seus efeitos alé de duas ou tres horas. Custaria muito esperar esse tempo?

DELEGADO - Não, não... espera-se. Ficaremos aqui até que ela desperte e, nessa ocasião iremos todos à sua presença e o senhor vai servir não só de médico, como de testemunha. De acôrdo?

DOCTOR - Pois não. Sim senhor. Sendo preciso, eu faço.

DELEGADO - Obrigado, doutor. Vai ser um grande auxilio que o senhor vai me prestar.

DOCTOR - É o meu dever. Mas eu vim aqui para ver se conseguia um cafésinho.

BERTOLDO - Eu vou fazê, sim sinhô. O seu dilegado tombem qué?

DELEGADO - Aceito, mas um café grande, com pão e manteiga que está, justamente, na minha hora de tomar.

BERTOLDO - (SECO) E suncê qué um tombem?

RODRIGO - (SECO) Não, obrigado.

BERTOLDO - Pode tomá que eu num von butá veneno, não.

RODRIGO - Não quero, já disse.

BERTOLDO - Tá bem. Num qué, mió. Cum licença, seu dilegado. Eu num dimoro.

C/REGRA - PASSOS DE BERTOLDO QUE SE AFASTAM E SONEM.

DELEGADO - Eu se não tomo um café com pão e manteiga a esta hora, parece que não posso trabalhar.

DOCTOR - A mim, já o alimento pela manhã não me faz falta. Tomando um cafésinho para satisfazer o meu vício, não preciso mais nada. Bem, mas com licença que eu volto para junto da doente. Quando ela despertar, mandarei avisá-lo, para fazer a prova que deseja.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

ARABELA - Que coisa exqu岸ita... Não sei si é porque estou aflita para dar a notícia de Glândia a Rodrigo que estou notando tanto a sua demora. Duas horas da tarde e êle ainda não voltou da tal viajada que foi fazer. E ele ia perto. Disse-me que no máximo às dez da noite estaria de volta... Não sei... não posso imaginar o que tenha acontecido. Só se o carro pi fou no caminho e êle não teve outro remédio sinão ficar por lá. É... mas eu tenho muito medo de Catarina! Muito medo! Aquela mulher é perigosa! Uma vibora, nos seus dias!... E o pior de tudo é que eu nunca sinto o que estou sentindo hoje... Um aperto no coração... uma angústia... uma coisa... Si êle não me aparecer até às cinco horas, aconteça o que acontecer, eu vou pedir providências à policia. Nem que êle depois se zangue comigo, mas eu não posso continuar assim.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL SOMBRIA. FUNDE COM RELÓGIO (O MESMO) BATENDO CINCO HORAS. (TALVEZ O RELÓGIO SEJA A CONTRA REGRA, PORQUE DEVE SER O MESMO ANTERIOR)

DOCTOR - Pronto. Finalmente dona Catarina acordou. Pode chamar os dois e fazer as perguntas.

DELEGADO - Eles estão aqui. Vamos entrar.

C/REGRA - PASSOS ABAPADOS DE VÁRIAS PESSOAS. PARAM.

DELEGADO - Dona Catarina, por favor, eu preciso lhe fazer umas perguntas e quero fazê-las aqui na presença dos dois suspeitos. A senhora está me ouvindo?

CATARINA - (FRACA) Estou... mas... quem é?

DELEGADO - Sou o delegado de policia chamado para a diligência. A senhora está me vendo?

CATARINA - Estou.

DELEGADO - Está vendo estes dois moços, aqui?

CATARINA - Estou.

DELEGADO - Foi este aqui que atirou na senhora?

CATARINA - Não...

DELEGADO - Foi estê?

CATARINA - Foi... sim senhor... foi este.

TÉCNICA - EXPLOSAO MUSICAL, FUNDE COM MÚSICA PARA ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO.

A MARCA DO ÓDIO

- Novela original de Érico Cramer -

82º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA.

DELEGADO - Dona Catarina, por favor... eu preciso lhe fazer umas perguntas e quero fazê-las aqui, na presença dos dois suspeitos. A senhora está me ouvindo?

CATARINA - (FRACA) Estou... mas... quem é?

DELEGADO - Sou o delegado de polícia, chamado para a diligência. A senhora está me vendo?

CATARINA - Estou.

DELEGADO - Está vendo estes dois moços aqui?

CATARINA - Estou.

DELEGADO - Foi este que atirou na senhora?

CATARINA - Não.

DELEGADO - Foi este?

CATARINA - Foi, sim senhor... foi este.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

RODRIGO - Eu?!... Eu atirei em você?!... Não faça isto, por favor, Catarina! Você vai morrer. Não junte aos seus pecados mais este. Não fui eu que atirei em você, Catarina. Você sabe que não fui eu!

CATARINA - Foi você... sim... Foi você...

RODRIGO - Meu Deus!... Que infâmia!...

DELEGADO - Seu Rodrigo, sinto muito, mas... sou obrigado a prendê-lo.

RODRIGO - Mas isso é uma injustiça. Eu dormi lá fora, a quasi cem metros da casa, não tinha nem como entrar... Não ouvi, sequer, qualquer movimento que me levasse a suspeitar o que aconteceu... dormi a noite toda... sem sair do galpão...

CATARINA - (MAIS FRACA) Mentira... saiu, sim... mandei... o Bertoldo... chamá-lo... mais ou menos... às três horas... da quadragésima... e ele... não estava... no galpão...

RODRIGO - Juro-lhe que não sai do galpão a noite inteira. É mentira. É mentira!

DELEGADO - Onde estava a essa hora que seu Bertoldo foi procurá-lo e não o encontrou? Diga.

RODRIGO - (desesperado) Eu não sai do galpão... eu não sai do galpão. Se esse homem disse que eu não estava, ele mentiu.

BERTOLDO - Não menti, não, seu moço... que é isso? Eu fui lá e não estava. Se se não estava, não, mas que não estava, não estava.

DELEGADO - Como viu, meu amigo, o senhor está em minoria. E si a própria vítima de clara que foi o senhor quem atirou nela, eu não posso duvidar desse depoimento. Ele o coloca numa situação extremamente difícil.

RODRIGO - Si ela não está fazendo isto por maldade, terá feito confusão. Catarina, diga-me: o quarto estava com luz, ou no escuro, no momento em que você foi ferida?

CATARINA - Com luz... aquela... lamparina... fica... toda noite... acesa...

RODRIGO - Bem, mas... a luz daquela lamparina não é suficiente para iluminar um quarto deste tamanho. Senhor delegado, por favor, pergunte-lhe de onde atiraram nela?

DELEGADO - Diga, dona Catarina: de onde foi que lhe atiraram?

CATARINA - Daquela... porta...

RODRIGO - Está vendo, senhor Delegado? Daquela porta! Com a luz de uma lamparina, iluminando um quarto deste tamanho, o senhor acha que dona Catarina poderia distinguir, com clareza, a pessoa que lhe atirava de uma distância tão grande? Eu não quero culpar ninguém, mas repare bem que eu e este homem temos o mesmo porte. A mesma altura... a mesma largura de espaldas... o mesmo jeito empinado de andar...

BERTOLDO - Que é que você tá pretendendo falar com isso, hein seu moço? Você tá querendo fazer o seu delegado pensar que podia tê sido eu? Dona Catarina me conhece até pelo chêro. Ela pode dizer se fui eu.

CATARINA - Já disse... que não foi... Bertoldo.

DELEGADO - Bem, muito pouco adiante estarmos aqui, agora, a querer esclarecer um fato que me parece claro. Eu não posso deixar de tomar em consideração as declarações feitas pela vítima. Conforme já disse, elas vão influir muitíssimo e por mais que o senhor grite inocência, seus gritos pouco poderão alterar o julgamento dos juizes. Eles têm que considerar fatos concretos e não hipóteses. Meu dever é dar-lhe ordem de prisão e por causa disto o convido a acompanhar-me, senhor Rodrigo.

RODRIGO - Está bem, eu vou. Mas antes peço licença para dizer mais algumas palavras a Catarina. Ouça, Catarina: você sabe, perfeitamente, que eu não seria capaz de tentar matá-la, nem a você e nem a ninguém. Você sabe que eu vou ser preso, injustamente, pelas suas declarações. Você sabe que as fogueiras do inferno estão acesas à sua espera e que a sua alma se retorcerá entre os gemidos e labaredas, sem que você consiga, jamais alcançar a paz que é a maior fortuna que podemos ambicionar. Porque

RODRIGO - (CONTINUAÇÃO) não se redime, na hora extrema? Por que não diz a palavra que possa salvar-me e salvar a si própria? Vamos, Catarina, ponha de lado o rancor e a maldade, ponha de lado a infâmia e o ódio, feróis de luz causticante que guiaram os passos todos da sua vida e esboce um gesto de bondade. Um só, mas que exprima a verdade. Que salve, em vez de ~~perder~~ perder... que liberte, em vez de prender... que edifique em vez de destruir. Lembre-se de todas as vidas que você envenena com essa calúnia e das trevas em que sua alma, para sempre, se perderá. Vamos, Catarina, ao senhor delegado que não foi eu que atirei em você, diga.

CATARINA - Foi... você... sim... Repito... que foi... você...

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

DELEGADO - Vamos? Eu estou esperando pelo senhor.

RODRIGO - Vamos. Que Deus tenha pena de você, Catarina. Você vai sofrer muito mais do que eu. A sua tortura, no inferno, vai ser infinitamente maior do que a minha, aqui na terra.

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE AFASTAM. ~~XXXXXXXXXXXX~~ (DOIS HOMENS)

BERTOLDO - A sua dona já viu que xugeito de peito? Queria convencê nós que não tinha sido ele.

CATARINA - E não foi... mesmo... Não foi...

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL

BERTOLDO - Num foi? Suncê disse que num foi ele, sua dona?

CATARINA - Disse. Disse... e repito... Bertoldo. ... Não foi ele.

TÉCNICA - REPETE A VERGASTADA MUSICAL.

BERTOLDO - Mas entonce como é que a sua dona disse pro seu dilegado que foi ele?

CATARINA - Porque... desejava... deixar-lhe... na carne... a marca... do ódio... que guardo... comigo... desde... longo tempo... e que nem mesmo... no instante... de morrer... arrefece... ou se extingue...

BERTOLDO - Mas entonce... nesse caso, quem foi que atirou em sua dona?

CATARINA - Você... sabe... Bertoldo... você... sabe... muito bem... não pense que me engana... Quem... atirou em mim... foi... foi... você...

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE

CATARINA - Mas eu... também... vou... me vingar... de você...

BERTOLDO - Sua dona vai se vingá de mim? Que é que a sua dona vai fazê?

CATARINA - Não... lhe deixarei... nada... e virei... todas... as noites... todas... lhe incomodar... Não... lhe deixarei... ter... sossego...

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE

BERTOLDO - Não, sia dona. Num faça isso cumigo, sia dona. Suncê disse que me deixa va a granja pra mim, o dia que sia dona morresse...

CATARINA - Sim... eu disse... o dia... que morresse... e não... o dia... que me... matassem... É diferente... muito... diferente...

BERTOLDO - Isso num tá direito que a sia dona tá fazeno... Premeteu, tinha que dá. Vai fazê xugera ~~ix~~ na hora de entregá os ósso? Tombem, vou le dizê uma coisa pra suncê. Num interro suncê. Deixo o corpo apudrecê no meio do campo, pros córvo cumê. Suncê num presta. Suncê é uma muiê desgraçada. Por inquanto os outro morre uvindo pessoas rezá, suncê morre uvindo xingá de peste, que peste é o que suncê é. Mas eu num interro suncê... num interro. Suncê já é podre, memo, inhante de morrê. ~~Exatamente~~ E eu vô jogá suncê viva, memo, na berada da lagôa, pra suncê ainda vê os córvo cumê a podridão da sua carne.

CATARINA - Deixe-me... deixe-me... aqui... solte-me... solte-me...

BERTOLDO - Num sorto. Vô atirá suncê viva memo na berada da lagoa pruguê eu quero que os córvo coma suncê viva. E vô ficá lá perto pra vê.

CATARINA - (MUITO FRACA) Não... deixe-me... deixe-me...

BERTOLDO - Num deixe nem leve. Já disse e vou fazê. Vôu vingá as pessoa tudo que suncê matou ou feiz sofrê. Suncê deixô a marca do ódio numa porção de gente que suncê martratô, pois eu agora vou deixá tombem em suncê a marca do meu ódio. Ela vai sê marcada na sua carne pelo biss dos córvo. (RI SINISTRAMENTE) Bem, sia dona, bem marcá de ódio a podridão desse corpo! (VAI SE AFASTANDO DANDO GARGALHADAS SINISTRAS E PORTES).

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM JUNTO COM AS GARGALHADAS SINISTRAS. PORTA QUE ABRE E BATE FORTE EM 2º OU 3º PLANO.

TÉCNICA - ENTRA CORTINA FUNEBRE E SOMBRIA QUE FUNDE (SE POSSÍVEL) COM O GRASNAR DE CORVOS (SE NÃO TIVER OS CORVOS, SERVEM AS GAIVOTAS DO INÍCIO DA GRAVAÇÃO DE "MARÉ BAIXA")

BERTOLDO -(GARGALHADAS SINISTRAS EM 2º PLANO)

TÉCNICA - MÚSICA DRAMÁTICA FORTE PARA FINAL DA PRIMEIRA PARTE.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - MÚSICA PARA ABERTURA DA SEGUNDA PARTE DO CAPÍTULO.

DELEGADO - O senhor é o pai de seu Rodrigo?

PETRÔNIO - Exatamente. E estou aqui para prestar declarações, espontaneamente.

DELEGADO - Muito bem. Vejamos o que o senhor tem para nos dizer.

PETRÔNIO - O senhor talvez se surpreenda muito com as minhas declarações.

DELEGADO - Não importa. Basta que elas elucidem alguns pontos e nos facilitem a descobrir a verdade.

PETRONIO - Pois então, por uma questão de consciência, devo dizer ao senhor que acredito, piamente, na culpabilidade de meu filho.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL.

DELEGADO - Com?!... O senhor... o senhor disse que acredita na culpabilidade de seu filho?!...

PETRONIO - Isto mesmo. Por isso avisei que o senhor talvez se surpreendesse.

DELEGADO - Muito bem, mas... que base tem o senhor para fazer uma afirmativa dessa gravidade? Um afirmativa que ainda mais comprometerá seu filho?

PETRONIO - Porque, desgraçadamente, não é a primeira vez que êle procede assim.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

DELEGADO - O senhor... o senhor disse que não é a primeira vez?!...

PETRONIO - Exatamente. Meu filho, infelizmente, já foi acusado de um crime e está sendo processado por causa dele. Incontra-se em liberdade, à força de um habeas corpus que lhe foi concedido contra o meu desejo de pai. Preferia que êle continuasse preso. Todos se revoltaram contra mim, quando manifestei esse desejo. Agora está aí justificada a minha atitude. Era isso, exatamente, que eu queria impedir que acontecesse. Era isso justamente que eu temia. Talvez agora compreendam o que chamaram, na ocasião de perversidade paterna.

DELEGADO - Muito bem. Com esse seu depoimento, ficam apagadas quaisquer dúvidas que pudésemos ter a respeito do sucedido e só nos resta agradecer a sua cooperação que inda mais louvamos e admiramos por tratar-se de seu próprio filho. Creio que não seria fácil encontrar outro homem que procedesse com tanta dignidade e com tamanha compreensão da missão difícil da justiça. Não nos cansaremos de exaltar seu gesto raro e magnífico.

PETRONIO - Não vejo porque tanto escareão. Que outra coisa poderia fazer, um homem que tem pantado a sua vida, inteira, pelos padrões da honra e da verdade? A mim parece-me que êsse é o dever primordial de todos os cidadãos. Portanto... nada mais fiz que um dever de rotina.

DELEGADO - O senhor é um homem privilegiado e é de lamentar-se, sinceramente, que um homem da sua tempera, sofra o desgosto de ter um filho criminoso.

PETRONIO - Cada homem nasce com a sua cruz. Minha cruz é meu filho.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

RODRIGO - Eu já esperava o que aconteceu, senhor delegado. Quando, inesperadamente

RODRIGO - (CONTINUAÇÃO) me vi envolvido nessa infâmia miserável, pensei logo que papai não deixaria fugir uma oportunidade tão boa de me prejudicar. Os senhores não poderão compreender e, menos, ainda, admitir as razões que o levaram a proceder dessa forma e eu deixo de citá-las aqui, por uma questão de decoro e também de respeito à outra pessoa contra a qual ele se ~~exi~~ atirou injusta e brutalmente. O que lhes pareceu admirável e fora do comum nada mais é do que consequência de um distúrbio mental que eu sinto que se agrava, a cada dia que passa.

DELEGADO - É estranho... êle nos pareceu perfeitamente lúcido e absolutamente firme nas suas acusações. Não teve uma só vacilação, uma só indecisão...

~~RODRIGO~~ RODRIGO - E isso lhes parece normal, em se tratando de um pai para um filho? É justamente para isto que eu peço a atenção dos senhores. Meu pai está doente da cabeça. Seu mal se agrava dia a dia e êle precisa ser internado, antes que prosiga a série de crimes que tem animado e cometido. Era para evitar um desses crimes que eu tinha ido procurar Catarina, porque era ela o carrasco que se encarregava de contratar ou fazer ela mesma as execuções. Catarina me recebeu mal, brigou comigo e depois, súbitamente com um sorriso nos lábios e um brilho estranho nos olhos, me convidou para pernoctar na casa dela. Eu, que já a conhecia e tinha razões de sobra para desconfiar das suas atividades e de seu súbito enriquecimento, rejeitei o convite e quiz vir embora. Mas o meu automóvel, também brusco e inexplicavelmente, enguiçou e não houve possibilidade de poder arrumá-lo. Temendo qualquer ataque traiçoeiro, fechei-me nele e ali resolvi dormir. Só me acordei quando Bertoldo foi me chamar. Investiguem melhor esse crime, é só o que lhes peço. Investiguem as atividades de Catarina e de Bertoldo. Esperem a solução final do meu primeiro processo e não de ver que a razão está do meu lado.

~~DELEGADO~~ DELEGADO - Mas se sabia que seu pai e dona Catarina estavam envolvidos em crimes, por que motivo não os denunciou? Era esse o seu dever.

RODRIGO - Sim, talvez fôsse, realmente. Se o tivesse feito logo, talvez poupasse, pelo menos, duas vidas. E é esse senhores, o meu crime. ^{Mas} doia-me no coração acusar meu próprio pai, embora êle tivesse ódio de mim. Mas eu sabia que êsse ódio era produto de um ciúme e de uma desconfiança doentia e então, no fundo, pelo muito que deveria estar sofrendo, ele me causava uma grande piedade! E depois, eu também não tinha provas, com as quais pudesse chegar para mostrar à polícia que era êle o autor intelectual

RODRIGO - (CONTINUAÇÃO) de um rapto e, pelo menos de dois crimes de morte, os quais segundo creio, foram cometidos por Catarina.

DELEGADO - O senhor conhecia dona Catarina há muitos anos?

RODRIGO - Muitos. Não posso precisar bem se oito ou dez anos. Foi empregada de minha avó materna, de onde fugiu, inesperadamente, para trabalhar como empregada de papai em casa de minha madrasta. Ela tentou, por várias vezes, subjugar Tereza, a dama de companhia de minha madrasta, mas como não tivesse logrado êxito no seu intento, rematou tentando contra a sua vida. Mas isto é uma outra história que os senhores poderão, depois, esclarecer. De momento, o que lhes interessa, naturalmente, é a acusação que pesa sobre os meus ombros. Catarina tem ainda que responder por um rapto, à custa do qual ela comprou a granja onde gostaria de viver em paz, como ela dizia, mas meu pai não lhe permitiu esse gosto. Exigiu, dela, novos trabalhos e ela acabou, estou bem certo e ninguém me tira isto da cabeça, sendo atacada pelo seu homem de confiança.

DELEGADO - Bem, seu Rodrigo, nós vamos continuar as nossas investigações e procurar esclarecer algumas das muitas denúncias que o senhor acabou de nos fazer. Nesse meio tempo, entretanto, o senhor será obrigado a permanecer detido.

RODRIGO - Não faço questão de sair, nem de esperar o tempo que se fizer necessário. Só faço questão de que tudo seja apurado porque hoje, desgrazadamente, compreendi que se continuar a poupar meu pai, estarei contribuindo para que outras vidas sejam sacrificadas, como já o foram tres ou quatro que contrariaram os seus desejos. O lugar de meu pai é num sanatório e espero que os senhores me ajudem a fazer-lhe êste bem.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

CLAUDIA - Eu vim falar com as senhora, porque penso que é chegado o momento de desfechamos, todas, uma ofensiva contra seu Petrônio. A senhora me desculpe, dona Eugênia, sei que a senhora ainda o ama, apesar de tudo, mas não entendendo que fiquemos todas caladas e inertes, enquanto ele prosegue fazendo maldades e prejudicando inocentes.

TEREZA - É exatamente o que eu penso, dona Cláudia. Acho que não podemos cruzar os braços e deixar que seu Rodrigo, inocente, pague um crime que eu estou bem certa de que foi cometido por seu Petrônio, ou por alguém a seu mando. Temos que agir. Temos que nos juntar todos e fazer uma parede contra o homem que tem sido a causa de todas as nossas apreensões e de todas as nossas dores.

- EUGÊNIA - Querem que lhes dê a minha opinião sincera? Rodrigo não se juntará a nós e o que vai acontecer é que nós iremos magoá-lo. Só por isso é que não desejo meo incorporar ao movimento. Morreria, antes de magoar Rodri go que tem sido um verdadeiro anjo para mim.
- CLAUDIA - Mas seu Rodrigo está errado. Ele tem que tomar uma atitude, sinão estamos todos perdidos. A senhora já imaginou o que seu Petrônio fará com todas nós, se seu Rodrigo fôr preso? Nós seremos eliminadas, uma por uma.
- TEREZA - É o que eu penso. Viram o que êle me fez, só porque eu não permiti que êle entrasse aqui em casa? E a minha sorte foi ter desfalecido, porque sinão ele teria me dado tantas pancadas quantas fossem necessárias para matar-me. Não fez isto porque, como caí, inerte, ele pensou que eu tivesse morrido.
- CLAUDIA - Dona Eugênia, antes de tudo eu vou procurar Rodrigo e saber qual a atitude que êle vai tomar. Si fôr diferente, eu farei um apelo a êle para que se incorpore a nós e então, todos juntos, procuraremos fazer esse bem tão grande a seu Petrônio que será prendê-lo no manicômio judiciário que é o lugar onde êle deveria estar ha muito tempo.
- EUGÊNIA - Não sei... não sei... façam como quizerem...
- CLAUDIA - A senhora precisa se convencer que um bem que vamos fazer a êle e não um mal. Vai tratar-se... talvez curar-se... e quem sabe se mais tarde não lhe será possível refazer sua vida?
- EUGÊNIA - Não/ tenho mais esperanças, Cláudia, mas confesso-lhe, com certa vergonha, que bem gostaria que isto pudesse acontecer.
- CLAUDIA - Vergonha por que? O amor é um sentimento sublime e jamais deveremos nos envergonhar dele.
- TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.
- DELEGADO - Coisa estranha... a granja está abandonada e não há ninguém para receber a gente... Será que resolveram levar dona Catarina para a cidade, afim de tentar salvá-la?... Mas de toda maneira... se assim fôsse... não deixariam a casa toda aberta, como está... Vamos ver o que diz o tira, quando voltar do galpão... (PAUSA) Mas esperem... Há um rastro de sangue pelo chão... Ele vem do quarto e vai para a porta da rua... Parece que dona Catarina foi arrastada...
- QUEBRA - XXX ALCUNS PASSOS DO DELEGADO.
- DELEGADO - Sim... é isto mesmo... o capacho que deveria estar aqui na porta... foi parar quasi no meio do terreiro... e tambem parece manchado de

DELEGADO - (CONTINUAÇÃO) sangue... Será que ela morreu e o homem foi enterrá-la? Ele não podia fazer isto... teria, antes de tudo, que comunicar a autoridade... Lá vem o tira correndo. Que será que descobriu?

TIRA - (3º ou 4º PLANO, GRITANDO) Seu delegado, venha. Venha depressa. Descubri uma coisa, venha ver...

TÉCNICA - EXPLOSAO MUSICAL, FUNDE COM CARACTERISTICA DE ENCERRAMENTO.

TIRA - (CONTINUAÇÃO) rando o resultado da minha busca?

DELEGADO - Acho melhor ficar. Ele pode aparecer, de um momento para o outro e eu estarei aqui para prendê-lo.

TIRA - E eu vou procurar pelos arredores, porque não acredito que ele possa estar muito longe. Os cavalos ainda se mostram cansados e suados, o que demonstra, claramente, que não faz muito tempo que chegaram.

DELEGADO - Se houver necessidade de que eu vá ao seu encontro, dê três tiros para o ar que eu irei. Só quero que me diga o trajeto que vai percorrer, para que não haja um desencontro.

TIRA - Eu vou sair por aqui, na direção daquele capão e vou cercundá-lo. Dali me dirijo para a margem da lagoa, até aquele mato que se vê daqui. Se não encontrar o cara eu volto, para que a noite não me pegue no caminho.

DELEGADO - E você vai fazer essa caminhada toda a pé? Olhe que não é mole, não.

TIRA - Eu já vi um cavalo de montaria no galpão. Vou com ele. Se o senhor ouvir os tiros, em menos de dez minutos, no jeep, o senhor chega lá.

DELEGADO - OK. Pode ir que eu ficarei atento. (TOM) Ah, espere. E si ele aparecer por aqui e eu venha a precisar do seu auxílio, vou usar o mesmo sistema. Darei tres tiros para cima. Combinado?

TIRA - OK, chefe. Tchau.

TÉCNICA - GORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

CLAUDIA - Eu estava aflitissima para vir visitá-lo. Principalmente depois que li as notícias que seu pai, mais uma vez, fez declarações que o compromete muito seriamente?

RODRIGO - Eu já as esperava, Claudia. Ele não poderia deixar fugir uma oportunidade destas.

CLAUDIA - Mas você tem, nas mãos, a arma para invalidar as declarações de seu Petronio. Basta mandar as autoridades rodarem as fitas que eu lhe dei, com gravações dele e de Catarina. Mas você não vai querer fazer isto, eu sei. Mas é um escrúpulo que não se justifica, porque...

RODRIGO - (CORTA) Espere, Claudia, eu já denunciei meu pai.

CLAUDIA - É mesmo?!... Ora até que enfim você se resolveu!...

RODRIGO - Mas na difícil situação em que me encontro, a minha denúncia merecerá pouca fé, a não ser que apresente as provas do que disse.

CLAUDIA - E essas provas não estão nas fitas gravadas?

RODRIGO - Estão, mas não me lembro onde as deixei.

CLAUDIA - Não é possível! Você/ sabe, sim. O mal foi meu, em entregá-las a você.

CLAUDIA - (CONTINUAÇÃO) Eu devia ter imaginado, logo, que você jamais usaria uma arma daquelas contra seu pai e, para impedir que outro qualquer o fizesse, trataria logo de destruí-la. Sim, porque foi o que você fez, Rodrigo. Você destruiu as gravações, para que seu pai não pudesse, nunca, ser apontado como criminoso. Cansou, afinal, de sofrer nas mãos dele, resolveu reagir, mas infelizmente o fez no momento exato em que as suas declarações perderiam seu valor.

RODRIGO - Não, Cláudia, juro a você que não destruí aquelas fitas. Não sei o que fiz delas, é verdade, mas não as destruí. Aconteceu que elas vieram para as minhas mãos num momento em que eu estava muito preocupado e então tratei de escondê-las. Mas o fiz de tal modo que agora quero me lembrar onde estão e não há jeito.

CLAUDIA - Você não teria dado à dona Arabela para que as guardasse? Pense bem. À dona Eugênia, talvez...

RODRIGO - Não, não... à dona Eugênia, não. À vóvó, pode ser... Não tenho ideia, mas pode ser...

CLAUDIA - Você me permite ir procurar essas gravações em casa de dona Arabela?

RODRIGO - Claro. Tanto mais que agora estou absolutamente convencido de que a prisão, para meu pai, será um grande benefício não só para ele, como para todos aqueles que tenha a infelicidade de cair em seu desagrado.

CLAUDIA - Pois então, ao sair daqui, irei à casa de dona Arabela, explicar-lhe-ei a situação e si ela me permitir - o que não tenho dúvidas que o fará - começarei uma verdadeira devassa em sua casa, até encontrar as provas que você necessita, ou perder a esperança de que elas estejam lá.

RODRIGO - E si não estiverem...

CLAUDIA - (CORTA) ... tratarei de fazer a mesma coisa em casa de dona Eugênia, na casa de sua noiva, no quarto que você ocupa com o seu colega... em toda a parte que for preciso e onde há esperanças de que as provas possam estar. Só cruzarei meus braços, depois de haver perdido as últimas esperanças, o que aliás não espero que aconteça, com a graça infinita de Deus!

RODRIGO - Pois então vá, Cláudia. Faça mais isso por mim, na certeza de que está trabalhando para libertar um inocente das garras da injustiça.

CLAUDIA - Eu sei e todos sabem, Rodrigo. Ninguém, que o conheça, poderá acreditar que você tivesse a coragem de matar Catarina, mas infelizmente o assassinio no arrou muito bem a cilada em que você caiu e ninguém, a não ser Deus, poderá livrá-lo das conseqüências. Mas estou certa de que Deus vai olhar

CLAUDIA - (CONTINUAÇÃO) para você e vai fazer com que a verdade apareça, vinda de onde menos se espera.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

ARABELA - Eu não tenho a menor ideia de Rodrigo me ter dado nada para guardar, mas Deus permita que o tenha feito, que eu esteja esquecida, e que o que procuramos, com tanto empenho, possa aparecer por aí, em algum canto de armário, já que na minha escorevaninha não achamos nada.

CLAUDIA - Este armário também já virei todo. Está tudo outra vez nos seus lugares, dona Arabela, veja.

ARABELA - Está, sim, mas não precisa ter essa preocupação, porque depois a empregada arruma. Ela tem tão pouco que fazer aqui em casa...

CLAUDIA - Mas eu não quero que ela fique com raiva de mim, dizendo: "estava tudo tão arrumadinho, chegou aí essa introduzida e tirou tudo dos seus lugares." Não custa muito. Eu vou tirando as coisas e repondo nos ~~seus~~ lugares, à medida que vou terminando a busca no móvel.

ARABELA - Olhe, agora pare um pouco e venha tomar o seu cafésinho, senão ele esfria. E assim também você descansa um bocadinho.

CLAUDIA - Eu não estou cansada, dona Arabela, mas vou parar, sim, porque um cafésinho, a esta altura, vem muito bem.

C/REGRA - RUIDO DE SERVIR CAFÉ, BOTAR ASSUCAR, MEKER CHICRINHA.

ARABELA - Parece mentira como se tratando de papéis tão importantes, meu neto não tenha tido o cuidado de guardá-los em lugar seguro!

CLAUDIA - Seu neto é o melhor filho do mundo. Quando recebeu aquelas provas, jamais pensou em utilizá-las, por isso deixou-as, displicentemente, em qualquer lugar. Só agora, depois que se convenceu de que o internamento poderá beneficiá-lo, é que se resolveu a proceder assim.

ARABELA - Deus permita que eu possa viver, até ver meu neto livre de semelhante suspeita, Cláudia.

CLAUDIA - A senhora vai viver, sim. Por que não?

ARABELA - Não sei... eu não ando bem de saúde, ultimamente. E depois, minha filha para dizer a verdade, viver para que? Para ver essa miséria toda em meu redor? Você acha que vale a pena?

CLAUDIA - Vale, sim, dona Arabela. Nem todos os dias são de tormenta. Há dias de sol... de céu azul... dias de esperanças magníficas, que nos enchem de alegria e nos retemperam a alma contra as investidas do infortúnio.

ARABELA - Quando o remorso nos morde o coração o sol é cinza... o mar é cinza... o céu é cinza... e só entre cinzas nos a alma permanece perdida!

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA FINAL DA 1ª PARTE

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA INÍCIO DA 2ª PARTE

IRACEMA - Eu estou horrorizada do que está acontecendo com seu Rodrigo. Você leu os jornais de hoje?

CORÁLIA - Não me fale. Se êle for preso e não puder nos proteger contra seu Petrônio, eu não sei o que será capaz de nos acontecer. Segundo sei, por informações de dona Arabela, de dona Eugênia e de dona Leila, o homensinho é terrível e não poupa ninguém.

IRACEMA - E o pior não é isto, o pior é que êle é muito inteligente e consegue sair dos emaranhados que tece, deixando os outros lá dentro. Eu estou em afirmar a você que êle é que mandou matarem dona Catarina e atraiu seu Rodrigo para lá, no momento exato, afin de comprometê-lo.

CORÁLIA - Claro, mas nem tenha dúvida. Eu estou muito aliviada com o desaparecimento de dona Catarina - que Deus me perdoe - mas tenho pena que seu Rodrigo tenha ficado tão comprometido. Você sabe que eu até estou fazendo uma novena para Santa Catarina, afin de que a verdade apareça?

IRACEMA - Por que Santa Catarina, quando você é devota de São Judas Tadeu?

CORÁLIA - Porque Santa Catarina é que nos protege contra os nossos inimigos. E como sei que seu Rodrigo está comprometido por culpa exclusiva dos seus inimigos, entreguei o caso a Ela. E você vai ver como Ela vai solucionar tudo favoravelmente.

IRACEMA - Que bom si eu pudesse ter a sua fé, Corália! Eu acho que essa confiança cega que você tem nos seus santos é que lhe ajuda a vencer.

CORÁLIA - Mas claro! E se você pudesse experimentar a sensação de tranquilidade que a fé transmite ao coração da gente!... Pode desabar o mundo em cima da gente, porque a gente está sempre esperando a melhoria que há de vir de Deus. E a verdade é que sempre vem. Sempre!

IRACEMA - Eu estou muito pezarosa com o que está acontecendo a seu Rodrigo. Gosto do rapaz e acredito nele. Aliás, acreditei desde o primeiro momento em que fui visitá-lo na prisão, por ocasião da morte de tio Luiz Henrique, mas por outro lado estou bastante aliviada por saber que Catarina está ferida de morte e não voltará a nos importunar com a sua incômoda presença. O jornal diz que ela foi encontrada agonizante, quem sabe até si a esta hora, já não terá morrido?

CORÁLIA - Que Deus se compadeça da sua pobre alma e que a terra lhe seja leve.

IRACEMA - Agora vamos esperar mais uns tres ou quatro dias, até que a poeira sente no fundo e uma de nós terá que ir visitar seu Rodrigo.

CORALIA - Eu preferia que fosse você.

IRACEMA - Por que? Acha que não cuido bem de Luizinho, enquanto você estiver por lá? Pode ficar tranquila. Prometo-lhe, até, que nem irei trabalhar nos dias que você estiver ausente.

CORALIA - Não, não... não é isto... é que a minha presença está muito mais ligada ao garoto do que a sua. Si eu reapareço, a minha figura pode reavivar a lembrança dele, eu posso ser seguida e você já pensou na responsabilidade que pesa sobre os nossos hombros, se o garotinho tornar a desaparecer?

IRACEMA - Deus nos livre! Nem fale uma coisa destas!

CORALIA - Temos que pensar e que falar, justamente para evitar que uma coisa dessas venha a acontecer.

IRACEMA - Puxa, vida! Que herança de apreensões, o coitado do titio nos legou!

CORALIA - Deixe-o descansar. Se o que estamos vivendo servir para resgatar uma parte dos seus pecados, então eu juro a você que não me importo de continuar como até agora, pelo tempo que for preciso.

IRACEMA - Você é muito boa, Corália. Eu já não sou tanto. Não tenho coragem de fazer mal a ninguém, mas não posso ser como você que não só perdoa, como procura auxiliar os que a prejudicaram.

CORALIA - Jesus não deu a outra face para que a esbofeteassem? Si cremos n'Ele, devemos imitá-lo, minha irmã. Apenas isto!

TECNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

CLAUDIA - Como está você hoje?

RODRIGO - Um pouco cansado, Claudia. Eles aqui abusam do direito de interrogar a gente e há dias em que sou chamado tres e quatro vezes, para dizer as mesmas coisas e protestar, como sempre, a minha inocência.

CLAUDIA - Mas é o método que eles usam. Não sabia? Eles procuram exatamente cansar o suspeito para que ele, num certo momento, desespere e conte a verdade.

RODRIGO - Ou invente uma mentira e se confesse culpado sem ser. Sim, porque eu vou lhe dizer uma coisa: há momentos em que a gente não suporta mais ouvir a voz do inquisidor, tanto ela nos belisca e nos arranha. E então... num momento assim... se o cidadão não tem absoluto controle dos seus nervos... acaba concordando com tudo, para se livrar da agonia dos interrogatórios. É horrível, Claudia, simplesmente horrível!...

CLAUDIA - Eu imagino! E pensar que você já poderia estar livre de tudo isto, se

- CLAUDIA - (CONTINUAÇÃO) pudesse lembrar onde guardou as gravações que lhe entreguei.
- RODRIGO - Não há geito. Juro-lhe que não há geito! Si elas não foram encontradas em casa de vóvó, agora mesmo é que fiquei completamente desnorteado. A minha esperança estava lá. Em nenhum outro lugar eu posso ter deixado aquelas fitas. Esquecê-las no café... ou na Faculdade... eu não creio que pudesse acontecer. Eram documentos importantes demais para que eu os perdesse na rua. Devem estar em algum lugar que não me ocorre.
- CLAUDIA - Já conversei com dona Eugênia a este respeito e ela também não se lembra de você ter deixado lá as ~~xx~~ fitas, mas já me franqueou sua casa para que eu faça uma busca total. Penso que irei amanhã lá. Pensava ir hoje, mas meu noivo vem me ~~xx~~ visitar e não posso deixar de atendê-lo. Já lhe sou muito grata por ter me deixado vir e trabalhar em seu favor. Outro talvez não tivesse consentido.
- RODRIGO - É claro. Quero que você transmita a êle os meus agradecimentos por causa disto e que assim que possa me ver livre destas grades - se puder - irei logo conhecê-lo, para dizer-lhe a sorte que teve em encontrar uma moça do seu valor e do seu caráter.
- CLAUDIA - Óra, ~~xxx~~ Rodrigo, francamente, você me deixa até constrangida, dizendo estas coisas... Que faço eu de extraordinário? Nada mais do que o meu dever. (TOM) Ah, sabe? Ele queria casar logo. Mas hoje vai ter a notícia de que só nos casaremos depois que você tenha sido libertado.
- RODRIGO - Não, não, Claudía, não faça isto... si ele quer... case-se de uma vez...
- CLAUDIA - Mas como vou me casar sem padrinho? Não posso.
- RODRIGO - Isto vale por um convite?
- CLAUDIA - Por que? Não foi bem claro o que eu disse? O senhor vai ser meu padrinho e está resolvido que não me casarei enquanto não sair daqui.
- RODRIGO - Eu me sinto até emocionado, Claudía. Será... que mereço... tanto?...
- CLAUDIA - Si não merecesse, não estaria recebendo.
- RODRIGO - Isto não, porque eu não mereço a prisão e estou preso. E preso ~~xxxxxxxxxxxxxxxx~~ sabe Deus por quanto tempo, o que ainda é pior.
- CLAUDIA - Não há de ser por muito tempo, não. Eu confio em Deus, Rodrigo. Ele deve estar nos ensinando uma grande lição.
- RODRIGO - Mas dura de aprender. Principalmente para mim que tenho o livro nas mãos.
- CLAUDIA - Rodrigo, não perca a fé e seja resignado. Isso ajuda tanto!
- C/REGRA - RELOGIO DE TORRE BATENDO ONZE HORAS ESPAÇADAS.

CLAUDIA - Onze horas. Eu tenho que ir encontrar o meu noivo à uma, para almoçarmos juntos e ainda vou ao Hotel trocar de roupa. Ele deve vir voando pela estrada, para não chegar muito tarde. Vou andando, Rodrigo. Amanhã irei fazer a busca na casa de dona Eugênia e logo que tenha terminado virei dizer-lhe o que apurei.

TECNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS. FUNDE COM RUÍDOS DE MATA.

DELEGADO - Eu não tinha certeza de ter ouvido os tiros porque, justamente, na ocasião, uma araponga resolveu ^{cançar} perto da casa aquele seu canto que mais ~~me~~ parece um grasnar seco e áspero. Esperei um pouco, indeciso, sobre o que devia fazer e finalmente resolvi vir. Quando já estava em meio do caminho, aí é que eu realmente ouvi o seu chamado.

TIRA - Pois eu, a princípio, fiquei na dúvida se o senhor teria ouvido ou não e como achei que estava demorando um pouco, resolvi fazer nova descarga e dei mais tres tiros. No silêncio da tarde o senhor não podia deixar de ouvir.

DELEGADO - Bem, mas, o que foi que você achou, afinal?

TIRA - Uma coisa horrível. Vamos até ali à entrada daquele capão que o senhor vai ver.

G/REGRA - PASSOS EM TERRA BATIDA, AFASTAR DE GALHOS, ETC. ETC.

TIRA - Quando vi os urubús voando por aqui, imaginei logo que eu não estava longe do corpo da mulher. Dito e feito.

DELEGADO - E deixaram-na exposta, sem enterrá-la?

TIRA - Veja. Não é uma coisa horrorosa um quadro destes? Acho que só pode ser ela, embora a cara esteja toda comida pelos bichos...

DELEGADO - É ela, sim. O lençol é o mesmo que estava na cama e a gola do camisão, tem o mesmo bordado. Ela foi arrastada para cá e abandonada aos corvos. Temos que tomar providências para remover os restos.

TIRA - Agora voltarei para a granja com o senhor, porque se a noite me pega por aqui, não terei nem onde descansar, mas amanhã penso voltar para iniciar as buscas ao tal homem que o senhor disse ter deixado em casa com ela. Ele vai ter que nos explicar porque fez isto, si é que foi ele quem fez.

DELEGADO - E você ainda tem dúvida? É lógico que foi ele e vai ter que me explicar por quê!

TECNICA - EXPLOSAO MUSICAL, FUNDE COM CARACTERISTICA PARA ENCERRAMENTO DO CAPITULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL PARA ABERTURA DO CAPÍTULO

TIRA - Veja. Não é uma coisa horrorosa um quadro destes? Acho que só pode ser ela, embora a cara esteja toda comiça pelos bichos...

DELEGADO - É ela, sim. O lençol é o mesmo que estava na cama e a gola do camisa tem o mesmo bordado. Ela foi arrastada para cá e abandonada aos corvos. Temos que tomar providências para remover os restos.

TIRA - Agora voltarei para a granja com o senhor, porque se a noite me pega por aqui, não terei nem onde descansar, mas amanhã penso voltar, para iniciar as buscas ao tal homem que o senhor disse ter deixado em casa, com ela. Ele vai ter que nos explicar porque fez isto, si é que foi ele quem fez.

DELEGADO - ~~XXXXXXXXXXXX~~ E você ainda tem dúvida? É lógico que foi ele e vai ter que me explicar por que.

TIRA - Será que ele não atinou que o senhor ia voltar? Será que ele pensou que, com a prisão do outro, o caso estava resolvido?

DELEGADO
XXXX - Sei lá o que ele pensou. Só sei que foi burro às pampas. Ele tinha conseguido enrrascar o outro completamente, agora, com esta atitude, enrrascou-se também de forma violenta.

TIRA - Mas eu acho que foi o outro, mesmo; não lhe parece?

DELEGADO - Agora já não sei o que pensar. A parada está dura.

TIRA - Mas o senhor acha que se não fôsse o outro, o próprio pai do cara ia dizer que foi?

DELEGADO - Bem... mas existe, ainda, a possibilidade do velho pensar que foi o filho, sem ter sido. Nós que somos especialistas do crime muitas vezes nos enganamos, que diremos de uma pessoa que nunca se envolveu num crime? Ela pode, com muito maior facilidade, se deixar levar por uma pista falsa.

TIRA - Bom... lá isso é verdade. Que o treco não é mole a gente sabe. Principalmente quando a gente lida com um cara vivo, que sabe despistar. Bem, mas não lhe parece que já estamos na hora de empreender a nossa caminhada de volta?

DELEGADO - É, sim, o sol já está começando a se deitar e dentro de vinte minutos, mais ou menos, terá caído a noite.

TIRA - O jeep ficou muito longe? Em quanto tempo poderemos chegar até a ele?

DELEGADO - Não está muito longe, não. Penso que andei, no máximo uns dez ou doze minutos.

TIRA - É o tempo necessário, então, para chegarmos à granja antes que tenha acontecido completamente.

DELEGADO - Tem razão. Vamos embora.

TIRA - O que é que o senhor está olhando?

DELEGADO - Se tivéssemos com que cobrir esses restos...

TIRA - Eu tinha pensado em galhos de árvore, mas não adianta nada porque os bichos tiram, do mesmo jeito. O remédio é deixar assim como está.

DELEGADO - É... também me parece.

TIRA - De hoje para amanhã eles comem o resto e assim o nosso trabalho vai ser só o de recolher a carcaça.

DELEGADO - Parece mentira como a gente se habitua a todas as coisas, neste mundo. Qualquer outra pessoa que visse o que estamos vendo, era capaz de desmaiar, porque, em realidade, é um quadro brutal, mas nós já estamos de tal modo afeitos a essas brutalidades que quasi não nos abalamos.

TIRA - Chefe, vamos deixar de considerações e mandar braza na caminhada sinão à noite nos apanha no caminho e nós podemos nos perder. Não teremos nem luz na casa para nos guiar.

DELEGADO - É, sim. Tem razão. Vamos tratar de encontrar o jeep.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

CLAUDIA - Eu estou desesperada, dona Arabela. Completamente desesperada!

ARABELA - Por que, minha filha? Ele foi condenado?

CLAUDIA - Não senhora, ainda não foi, mas se não encontrarmos as célebres gravações, não acredito que possa livrar-se. E é isto que me desespera, dona Arabela, porque venho de dar uma busca completa em casa de dona Eugênia sem ter obtido o ~~melhor~~ menor resultado. Onde Rodrigo poderá ter deixado essas gravações? Onde?

ARABELA - Você já procurou no quarto que ele ocupa junto com o colega da Faculdade? Eu tenho o endereço aqui.

CLAUDIA - Ele diz que tem certeza de que lá não está, mas, em todo caso, a senhora me dê o endereço que eu vou dar uma chegada lá e vou falar com o rapaz que mora com ele. A senhora não sabe como ele se chama?

ARABELA - Sei... sei, porque ele já disse aqui o nome muitas vezes... deixe-me lembrar... (PAUSA) Marcelino?... Não, não é Marcelino... Osmarino? Não, também não é Osmarino... (ACHOU) Francelino. É Francelino, o rapaz.

CLAUDIA - Pois eu vou ver se encontro alguém que queira ir comigo até lá e vou pedir licença ao Francelino para dar uma batida nas coisas de Rodrigo.

CLAUDIA - (CONTINUAÇÃO) Pode ser que tenha a sorte de encontrar as célebres gravações.

ARABELA - Se você quiser uma companhia para ir até lá, eu posso ir com você. Não me custa muito.

CLAUDIA - Custa, sim, dona Arabela. Eu sei que a senhora não gosta de sair de casa, não quero obrigá-la a tamanho sacrifício.

ARABELA - Que sacrifício, que nada. Inda mais tratando-se do que se trata... Eu não gosto muito, realmente, de sair das minhas comodidades, mas daí a dizer-se que seja sacrifício eu não posso concordar porque não é. Inda mais que se pode ir e voltar de carro. O único trabalho que vou ter é o de me vestir, porque não posso ir assim de chambre, como estou.

CLAUDIA - Mas penso que não vai haver necessidade da senhora sair das suas comodidades. Eu posso conseguir que uma das minhas amigas me acompanhe. Não preciso dizer para o que é...

ARABELA - Só se você não gosta de ser vista, na rua, em companhia de uma velha como eu. Ai são outros quinhentos, como vocês dizem na gíria.

CLAUDIA - Ora, dona Arabela, por favor! Nem pense de mim uma coisa destas! E só poderia me sentir honrada com a sua companhia. E agora, diante disto, sou obrigada a aceitar que a senhora vá comigo.

ARABELA - Muito bem. Eu fico contente, porque ao menos posso dizer que fiz alguma coisa em benefício do meu neto. Você quer ir agora?

CLAUDIA - Talvez fosse melhor, indagar, primeiro, si êle está em casa, para a senhora não perder a sua caminhada.

ARABELA - Bem... isso, realmente, parece-me que é conveniente fazer-se. Mas de que modo você vai saber?

CLAUDIA - Não sei... penso que vou lá e indago. Ai marco a hora para voltarmos.

ARABELA - Não, não... não é preciso isto. Telefone para a Faculdade e peça para falar com Francelino Martins. Si êle não estiver, já se sabe que estará em casa, porque segundo me disse sempre Rodrigo, ele nunca sai ~~XXXXXXXX~~ sinão para a Faculdade e não estando lá, está no quarto estudando ou lendo. Disse-me até que o seu apelido, por causa disto, é bicho de concha.

CLAUDIA - Foi boa ideia a sua. Sabe, de côr, o número da Faculdade?

ARABELA - Telefone para lá muito seguido, mas não guardo. Está anotado com números vermelhos na capa do guia telefônico.

CLAUDIA - Está aqui, sim. Vou falar para lá agora mesmo.

C/REGRA - DISCA DIVERSOS NÚMEROS.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

TIRA - Pronto, Chefe. Venho chegando e trago notícias do cara.

DELEGADO - Era melhor que, em vez de notícias, me trouxesse o próprio cara.

TIRA - Bom, que era melhor eu sei, ~~XXXXXXXX~~ mas o cara é vivo e segue mandando braza no pé e ganhando distância.

DELEGADO - E quais são as notícias que você traz, vamos ver?...

TIRA - Ele dormiu, a noite passada, no rancho da Fazenda Ramalho e de manhã, bem cedo, mandou pé, outra vez, na direção de Goiás. Dormiu na casa do capataz da Fazenda e o cara me contou que êle teve pesadelos tremendos com um tal de Catarina.

DELEGADO - É a mulher que êle levou lá para o meio do campo.

TIRA - Eu calculei. Mas disse que o homem gritava, dormindo e dizia que tinha atirado na tal de Catarina para se vingar dela e antes que ela denunciase êle de umas mortes que ele havia feito a mandado dela mesma.

DELEGADO - Isso é importante de se anotar. Você tomou o nome do Capataz para que êle, depois, seja chamado a prestar depoimento dessas coisas que ouviu?

TIRA - Tirei, sim, Chefe. Está tudo anotado aqui na minha caderneta e o cara já está avisado que a polícia vai chamá-lo na hora H.

DELEGADO - Muito bem, então trate de me fazer um relatório de toda essa coisa e deixe-o aqui em cima da minha mesa para amanhã ser juntado ao processo.

TIRA - Esse relatório precisa ser hoje ainda, Chefe? Ou pode ficar para amanhã?

DELEGADO - Por que? Você tem alguma coisa que o impeça de fazer isso hoje?

TIRA - Bom... quer dizer... Ter, ter, mesmo, não tenho. É que eu queria ir ver a minha fôfa que ha dois dias não dou as caras por lá. Nessa altura é até capaz que ela já tenha amarrado o barco noutra estaca.

DELEGADO - Mulheres... mulheres... quando eu digo que as mulheres atrapalham um bocado o serviço dos homens, ainda há muitos deles que correm em defesa delas. Está aí um exemplo bem frisante. Em vez de fazer o seu relatório e entregá-lo hoje, como seria a sua obrigação, você só vai fazer amanhã, por causa da fôfa.

TIRA - Pois é, chefe, mas a gente dá duro o dia todo... de noite o senhor sabe como é...

DELEGADO - Está bem, vai-te embora de uma vez, antes que eu me arrependa e dê uma última forma no negócio.

TIRA - (APURADO) Até amanhã, Chefe. Amanhã, bem cedo, eu estou aqui de novo.

C/REGRA - BASSOS DE HOMEM QUE SE APASTAM QUASI CORRENDO.

DELEGADO - Bem, se já temos notícias do cara e sabemos a direção que êle vai, não será tão difícil prendê-lo. Dentro de dois ou três dias, no máximo.

DELEGADO - (CONTINUAÇÃO) êle estará no papo. Esse cara foi tão vivo, ao princípio, e depois faz uma bruta burrada pela precipitação.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA ENCERRAMENTO DA 1ª PARTE

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL DE ABERTURA DA 2ª PARTE.

RODRIGO - Você não precisa me dizer nada, Claudia. Pela sua cara... pelo seu desânimo... pela expressão de tristeza de seus olhos, eu vejo que a sua busca foi infrutífera.

CLAUDIA - Desgraçadamente é verdade, Rodrigo. Revistei até o seu quarto, e nada.

RODRIGO - Você esteve no meu quarto? Falou com Francelino?

CLAUDIA - Sim. Dona Arabela foi comigo, para evitar qualquer comentário maldoso. Viramos todas as suas gavetas, todo o seu armário, aquela mala de cama rote onde você guarda uma parte de seus livros... Até no armário de Francelino nós procuramos.

RODRIGO - Não posso compreender o que aconteceu com essas fitas... Não posso... Chego a pensar que Deus não desejava que eu me utilizasse delas e sumiu-as definitivamente.

CLAUDIA - O que eu não posso compreender é que você não tivesse marcado bem o lugar onde as guardou.

RODRIGO - Guardei, sim. Tenho certeza, absoluta, de que as entreguei a vóvó e pedi que ela as puzesse em lugar seguro. Vóvó, naturalmente porque já está mais velha e esquecida, é que não se lembra do fato.

CLAUDIA - Mas ela realmente não tem as fitas, porque eu já as procurei na casa dela e não encontrei.

RODRIGO - Não importa. Pode ter acontecido qualquer coisa, depois, que fez com que elas sumissem, mas que as deixei lá não tenho nenhuma dúvida e só não digo isto para vóvó, afim de que ela não fique, depois, se considerando culpada, entende?

CLAUDIA - Entendo. Mas então, se você tem certeza absoluta de que acabou de dizer não me adianta mais nada continuar procurando as gravações. Estão, por infelicidade, perdidas definitivamente.

RODRIGO - E eu também perdido, porque não vou ter como provar a minha inocência.

CLAUDIA - Vamos confiar em Deus e esperar, Rodrigo. Ele tudo pode e talvez se faça o milagre.

RODRIGO - É... vamos esperar, mas... sem muitas esperanças!

CLAUDIA - Nada disto. Com todas as esperanças, porque para Deus nada é impossível.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

PETRONIO - Eu tive informações seguras de que meu filho está escondido na sua casa e venho intimá-la a entregar-me a criança ou então, amanhã, da rei parte da senhora à polícia.

IRACEMA - Faça o que quiser, não me interessa. Eu não tenho criança nenhuma aos meus cuidados e a polícia vai perder seu tempo em revistar minha casa e se convencer de que o garoto não está aqui. Aliás o senhor mesmo poderia revistar a casa, se não tivesse vindo numa hora tão imprópria. Eu estou sózinha e acabo de sair do banho, como pode ver.

PETRONIO - Admitindo que a criança não esteja em sua casa, de uma coisa eu tenho certeza, no entanto: a senhora sabe onde ela está e se não quiser dizer a mim, terá que dizer à polícia.

IRACEMA - Eu estou lhe avisando que o senhor vai perder tempo. Se quer, realmente, encontrar seu garoto, trate de procurá-lo em outra qualquer parte e não ~~pense em ficar~~ aqui. Se o senhor tivesse vindo a uns quatro ou cinco dias, talvez minha irmã pudesse lhe ter dito alguma coisa... agora eu não sei nem dela, quanto mais do garoto.

PETRONIO - Ah, então confessa que ele esteve aqui?!

IRACEMA - Contra a minha vontade, mas infelizmente minha irmã se afeiçoou por ele e diz que prefere morrer a perdê-lo.

PETRONIO - E para onde foi sua irmã? Não tem, ao menos, uma ideia aproximada, que possa me dar uma orientação?

IRACEMA - Como saiu brigada comigo, não me deu satisfações a respeito, mas presumo que a única coisa que pode ter feito é ter ido para Belo Horizonte, onde temos uma parenta de mãe.

PETRONIO - E o endereço dessa parenta, não pode me dar?

IRACEMA - Não sei. Quem se correspondia com ela era exatamente Corália e eu nunca participei da relação porque não podia desculpá-la de ter deixado minha mãe viuva, a braços com duas filhas e as maiores necessidades e nunca ter procurado ajudá-la. Mas é fácil. Ela é uma pessoa de grandes posses, deve ser conhecida. O senhor levando o nome, penso que qualquer pessoa, lá, poderá informá-lo.

PETRONIO - Pois bem, dê-me o nome dela, então e prometo-lhe que não mais a importunarei. Isto é... se tiver falado a verdade. Se tiver mentido, pode ter certeza de que voltarei para vingar-me.

IRACEMA - Tem lápis e papel, não?

PETRONIO - (DEPOIS DE PAUSA) Aqui está.

IRACEMA - (PAUSA E LENDO O QUE ESCRIVE) Carolina...Merecida... Mendonça. (TOM)

Ela foi casada com um Usineiro de Recife e, quando viuuvou, voltou a re-
sidir em Belo Horizonte.

PETRONIO - Muito bem. Hoje mesmo voarei para lá. Boa tarde.

IRACEMA - Passe bem.

C/REGRA - PORTA QUE SE FECHA COM VOLTA DE CHAVE. PASSOS DE MULHER SEMPRE EM 12 PLA-
NO.

CORÁLIA - Conseguia convencê-lo? Peão que pude escutar, pareceu-me que sim.

IRACEMA - Direitinho. Foi ótima a minha ideia. Ele me viu enrolada num toalhão,
com os cabelos empapados d'agua, acreditou que eu, realmente, tivesse sai-
do do banho ^{que} éva demora em atendê-lo tivesse sido por estar sósinha.

CORÁLIA - E agora? Que vamos fazer? Ele não vai encontrar o garoto em Belo Hori-
zonte e amanhã está aqui outra vez.

IRACEMA - Você vai levá-lo, esta noite mesmo, para a casa da mãe. Pelo menos a sua
responsabilidade fica salva, entendeu?

CORÁLIA - Sim, sim... tem razão. Viajaremos esta noite mesmo.

TECNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

EMPREGADA - A senhora não qué cumê? Deixou tudo nos prato. O picadinho nem mexeu,
a bem dizê. Vai vê que eu não tava de boa boca, hoje e fiz tudo inssôn-
ço ou sargado.

ARABELA - Não, Brígida, não é nada disto. Eu é que não ando com disposição de co-
mer. Ontem de tarde, por exemplo, nem os biscoitos que vieram com o
leite eu consegui engolir.

EMPREGADA - Mas isso não tá certo, dona Arabela. A senhora precisa cumê, sinão vai
ficando fraca e di repentes pega uma doença ruim, eu quero vê.

ARABELA - E que eu ando muito agoniada, Brígida e quando estou assim, não consi-
go comer. O melhor de tudo é você levar de volta essa bandeija e me
trazer um copo de leite e um pedacinho de marmelada.

EMPREGADA - A marmelada cabô, dona Arabela. O úrtimo pedaço que tinha na lata eu
truxe pra senhora onte no armoço. A senhora comeu a metade eu cumi o
resto.

ARABELA - Mas tem muita marmelada na despensa. Deve ter, pelo menos, uma meia dú-
zia de latas. Você procura uma lata redonda, escura, que aquela foi
feita em casa e eu gosto mais.

EMPREGADA - Sim senhora. Eu sirvo lá, ou a senhora perfere que eu traga aqui uma
senhora se servir?

ARABELA - Não, você pode servir lá. É a mesma coisa.

EMPREGADA - Tá bem, sim senhora. Com licença.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM LENTAMENTE.

ARABELA - (MEIO TOM) Se eu não conseguir aliviar esta angústia que me oprime, não sei o que será de mim. Talvez se eu mandasse chamar o Padre Grig^o e me confessasse... Mas custa-me tanto!... Acho, até, que o meu castigo está justamente nisto: ter vontade de fazer... e não ter fôr^{ça}. (PAUSA) Si meu neto chega a ser condenado... nem quero me lembrar. Esta noite sonhei com minha filha, Rodrigo estava atraz de uma grade de ferro, no canto desta sala mesma e minha filha sacudia o dedo indicador, na altura do meu nariz e dizia, indignada comigo: "A culpa é sua! A culpa é sua! E' a senhora a única culpada de tudo que está acontecendo!... Quando acordei... estava banhada em suor... Já não posso..

C/REGRA - CAMPAINHA DE TELEFONE, CHAMA DUAS OU TRES VEZES.

ARABELA - Quem será? Talvez Ulaudia, para saber como passei a manhã...

C/REGRA - LEVANTA O FONE DO GANCHO.

ARABELA - Alô!... Alô... Alô, quem fala?... Alô!... (TOM) Desligaram. Deve ter sido engano. Ou então terá caído a ligação, o que também é provável. Mas se foi isto, com certeza não de ligar de novo. E também... se não ligarem... de toda maneira, si era realmente comigo, não havia de ser para me darem notícia boa. Nestes últimos dias tudo que tem acontecido tem sido tão ruim...

C/REGRA - TELEFONE TOCA DUAS VEZES. LEVANTA FONE DO GANCHO.

ARABELA - Alô!... Alô!... Quem fala?

VOZ - (FILTRO) É quatro meia, meia nove, dois tres?

ARABELA - Não senhora.

VOZ - (FILTRO) Desculpe, então. Foi engano.

ARABELA - Está desculpada.

C/REGRA - DESLIGA TELEFONE.

ARABELA - Esses telefones andam assim. A gente quer ligar para um lado, liga pa^{ra} outro.

C/REGRA - PASSOS DE EMPREGADA QUE SE APROXIMAM.

EMPREGADA - Dona Arabela, eu fui abrir a lata escura que a senhora disse e encontrei isto em vez de marmelada.

TÉCNICA - ACORDE DE GRANDE ALEGRIA.

ARABELA - Hein?!... Você encontrou isto no meio das latas de doce?

EMPREGADA - Encontrei, sim senhora. E acho que eu mesmo é que botei lá.

ARABELA - (JÁ OFEGANTE) O telefone, depressa! Quero falar com Claudia. Preciso fa
lar com ela, agora mesmo. Imediatamente!

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL PARA ENCEPHAMENTO.

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

EMPREGADA - Dona Arabela, eu fui abrir a lata escura que a senhora disse e encontrei isto em vez de marmelada.

TÉCNICA - ACORDE DE GRANDE ALEGRIA

ARABELA - Hein?!... Você... encontrou isto no meio das latas de doce?!...

EMPREGADA - Encontrei, sim senhora. E acho que fui eu mesmo que butei lá.

ARABELA - (OPEGANTE) O telefone, depressa!... Quero falar com Cláudia! Preciso falar com ela, agora mesmo. Imediatamente!

EMPREGADA - Tá aqui o telefone, dona Arabela. Junto da senhora.

ARABELA - Sim, sim... tem razão... Eu vou ligar... Preciso falar com Cláudia...

C/REGRA - DISCA SEIS NÚMEROS.

ARABELA - Eu não vou poder... Fale com dona Eugênia... peça a ela que procure Cláudia e diga-lhe que venha cá... imediatamente... que eu achei... as gravações...

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

DOCTOR - Ela precisa de absoluto repouso. Não pode agitar-se de maneira alguma.

CLAUDIA - Mas o senhor acha que ela poderá viver, ao menos até que o neto seja libertado?

DOCTOR - Não posso lhe dizer nada. Essas coisas de coração a gente nunca pode prever. Às vezes a pessoa vive, por um fio, uma eternidade... outras vezes, de um momento para outro e até dormindo mesmo, a pessoa se vai. Tenho esperança que ela possa reagir e superar a crise, mas tudo vai depender, em grande parte, do cuidado que tiverem.

CLAUDIA - Obrigada, doutor. Desculpe se não o acompanho até à porta, mas não quero deixá-la só por muito tempo. Volto para a sua cabeceira.

DOCTOR - Vá, sim, é conveniente. E se precisar de alguma coisa... é só telefonar que num momento eu estarei aqui.

CLAUDIA - muito obrigada. Um licença, doutor.

TEIXEIRA
C/REGRA - PASSOS DE MOÇA, SEMPRE EM 1º PLANO, NAS PORTAS DOS PIS.

CLAUDIA - (MEIA VOZ, SUAVE) Acordou?

ARABELA - Sim... Já levou...

CLAUDIA - Por favor, não fale que o médico não quer. Já sei o que a senhora ia me perguntar. Si eu já levei as gravações, não é? Não fui porque quando che

CLAUDIA - (CONTINUAÇÃO) gnei aqui, a senhora estava precisando ser atendida e tratei de tomar, logo, as providências necessárias, mas não se aflija por causa disto, porque já falei com o delegado pelo telefone e ele vai esperar as gravações que eu mesma irei levar lá, talvez ainda hoje.

ARABELA - (OFEGANTE E CAUSADA) Não sei... como foi... que as gravações... foram parar... lá na despensa... não posso saber...

CLAUDIA - Eu já sei e vou lhe explicar, mas por favor não fale. O médico recomendou que a senhora não deve se mexer, nem falar. As gravações foram parar na despensa porque a Brígida tinha lhe trazido uma lata de lá, para a senhora se servir de marmelada. Nesse meio tempo, chegou seu neto com a outra lata que é bastante semelhante às que a senhora tem na despensa. Brigitte pensou que era mais uma lata que Rodrigo lhe trouxera de presente e botou lá, na prateleira, junto com as outras. Quem é que poderia imaginar que as gravações tinham sido guardadas na despensa? Ninguém. E por isso não havia meios de se encontrar a lata com as fitas. Agora pronto. Não há mais motivos de ficarmos preocupados. Penso que talvez amanhã, ou no máximo depois, já seu neto possa vir visitá-la.

ARABELA - Deus permita... e Deus permita, também... que eu possa... viver... até lá... para tornar... a vê-lo...

CLAUDIA - Vai viver, sim, mas fique quietinha. Da senhora mesma é que deve vir a reação e para ajudar a senhora não pode estar se mexendo, nem se agitando. Foi recomendação expressa do doutor.

ARABELA - Minha filha...

CLAUDIA - Diga...

ARABELA - Eu gostaria... que você... mandasse chamar... o Padre Crispim... para me confessar... Quero estar... quites... com Deus... antes... que seja tarde... demais...

CLAUDIA - Eu vou mandar chamar o Padre Crispim. É aqui perto?

ARABELA - Bem perto... Brígida sabe... a Igreja... fica... a duas... quadras...

CLAUDIA - Muito bem. Eu vou dizer à Brígida que vá chamá-lo, mas só sairei daqui se a senhora me prometer que ficará quietinha.

ARABELA - Fico... sim... pode... ir...

CLAUDIA - Eu volto já.

C/REGRA - PASSOS ABAFADOS QUE SE AFASTAM.

ARABELA - Meu Deus!... Meu Deus!... Tende piedade de mim!...

FÔNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

TIRA - Parece que lá vem alguém se dirigindo para a granja... Será que é o tal homemsinho a quem estamos procurando? Se fôr o chefe é que tinha razão. Que não precisava procurá-lo, que bestava esperá-lo aqui. Que ele podia demorar mas voltaria. Será que ele vem armado? Com certeza. E o melhor de tudo seria pegá-lo de surpresa. (PAUSA) É o que eu vou fazer. Escondo-me por aqui... e espero para ver o que ele vai fazer... Talvez venha a procura do dinheiro... Ele sabe que a granja está abandonada... para boa coisa não deve ter vindo.

BERTOLDO - (DE-LONGE) Ô de casa... ô de casa...

TIRA - Está experimentando para ver se tem alguém, mas eu não vou responder. Quando ele se der conta estará na frente de um revólver. Eu não conheço o cara, mas, pelos traços que me deram, só pode ser ele. Não é nada comum, nesta região, um velhote campeiro alourado.

BERTOLDO - (MAIS PERTO) Ô de casa... posso intrá?... (PAUSA)

C/REGRA - RUIDO DE PORTA ABRINDO EM SEGUNDO PLANO E PASSOS DE HOMEM QUE SE APROXIMAM.

BERTOLDO - (1.º PLANO) Uai, xente! Num é que a casa tá vazia, memo? É niô. Num dificulta o que venho procurá. Num posso endá aí sorte pulo mundo sem dinheiro. Por isso tive de voltá. Eu vi a vêia mexê muitas vez naquelo almário, mas acho que o dinheiro grosso ela num butava ali não. Uma vez vi ela mexendo naquelo ferro de engomá... Quem sabe si num iscou dia o dinheiro ali? Bamo vê.

C/REGRA - MAIS PASSOS E RUIDO DE MEXER EM FERRO.

BERTOLDO - Puxa vida! Num é que eu acertei logo da primeira? Isso que tá aqui já me chega, mas em todos os caso vô procurá ainda dibaixo do corchão dela que é capaz de tê mais.

TIRA - ~~Inter~~ Pare!

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE GRANDE SUSTO. FORTÍSSIMA.

TIRA - (DEPOIS DE PAUSA) Você não vai procurar nada em lugar nenhum. Vai é preso comigo para a cidade, agora mesmo.

BERTOLDO - Mas vou preso pra quê? Suncê num pode me informá?

TIRA - Pelo que fez com o corpo da mulher, si é que não foi você mesmo que a matou.

BERTOLDO - As coisa que fiz com ela foi pouco. Eu tinha razão pra fazê muito mais.

TIRA - Está bem. Você vai contar tudo isto ao delegado. Vamos embora. O Jeep está no galpão, com um guarda, à nossa espera.

TÉCNICA - CONTINUA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

RODRIGO - E então, vóvó, sente-se melhor agora?

ARABELA - Bem... muito bem... desde o momento em que você me apareceu aqui.

RODRIGO - Claudia conseguiu licença para que eu viesse vê-la, mas devo voltar e aguardar o prosseguimento do processo.

ARABELA - Mas agora... é por pouco tempo, não é meu filho?

RODRIGO - Acredito que sim, embora tenha certeza de que meu pai não se entregará facilmente.

ARABELA - Mas meu filho, ouça-me, enquanto posso falar bem. Eu preciso pedir perdão a você. Confessei-me com o Padre Crispim e ele disse que a minha absolvição só você me poderia dar, porque foi a maior vítima de toda a intriga que teei.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

RODRIGO - Intriga?! Como assim, vóvó? Não estou compreendendo nada do que a senhor está dizendo.

ARABELA - Pois meu filho, eu sou a culpada de tudo isto ter acontecido com você e com sua madrasta. Eu não me conformava de vê-la ocupar o lugar de minha filha e comecei a destilar veneno no espírito de seu pai.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE

RODRIGO - Vóvó!...

ARABELA - Sim, meu filho, fui eu a culpada. Só eu. Eu urdi toda a trama e depois fui castigada porque a culpa da desconfiança que eu consegui infiltrar no coração de seu pai, foi cair exatamente em cima de você... a pessoa que eu mais amava... e para quem só desejava felicidade... Foi o meu castigo, meu filho! O meu grande castigo! Tentei, depois, desfazer o que havia feito, mas... desgraçadamente... o veneno já entrara fundo demais no coração de seu pai e eu nada mais consegui.

RODRIGO - Vóvó... que horrozo!... Eu nunca poderia imaginar...

ARABELA - Foi tudo por amor, meu filho... só por amor... Por isso espero que você compreenda... e me perdoe. (PAUSA) Você não diz nada... Será... será que eu vou morrer... sem ouvir... de seus lábios... uma palavra de perdão? Será um castigo... muito cruel... para mim... Já sofri muito... paguei demais... a minha falta... Diga que me perdoa, meu filho... por favor... diga... que me perdoa...

RODRIGO - (SEM MUITA CONVICTÃO, LINDA MEIO ESTABELEADO) Sim, vóvó... eu lhe prometo que procurarei compreender as suas razões... e perdoá-la.

ARABELA - Obrigada, meu filho. Já é alguma coisa.

TÉCNICA - CONTINA MUSICAL PARA FINAL DA 1ª PARTE.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA ABERTURA DA 2ª PARTE.

DELEGADO - Por que motivo ^{voce} ~~XXXXXX~~ arrastou o corpo de dona Catarina para o lugar onde nós o encontramos? Diga.

BERTOLDO - Porque eu queria me vingá.

DELEGADO - Mas vingar por que? Ela tinha feito alguma coisa para você?

BERTOLDO - Feiz muitas cousa, num foi umasô. Ela me mandava eu matá as pessoa que ela num gostava, me prometia dinheiro, num me dava e quando eu arrecolava, ela amiaçava de me botá eu nas grade. Eu fui guardando... fui guardando... fui ajuntando... e quando vi que ela tava memo desposta a me irredá com as otoridade, aproveitei que o moço apareceu lá e disse: é agora. Eu mato e o moço leva as culpa.

DELEGADO - Quer dizer, então, que você confessa que seu Rodrigo está inocente?

BERTOLDO - Tá, sim sinhô. Quem feiz tudo fui eu.

DELEGADO - E fez bem feito, porque todos estavamos convencidos que efetivamente tinha sido ele o autor da morte de dona Catarina. Mas depois você resolveu, não sei porque, fazer o que fez... botou tudo a perder.

BERTOLDO - Eu arresorvi, seu dilegado, praquê ela tinha me dito pra ningué ia deixá a granja pra eu ficá com ela e depois, na hora de fazê, deu risada e disse que num ia deixá, que tinha dito aquilo só pra me enganá. Eu fiquei fulo de rêiva e disse pra ela que ia butá o corpo dela pros córvo comê. Disse e butei. Ela nem num tava morta, ainda e eu já tinha butado. Mas eles só comero depois que ela morreu. O que eu queria, memo, é que eles comesse ela viva.

DELEGADO - A sua raiva era assim tão forte contra ela?

BERTOLDO - Aquilo era a mais mais perversa que ingiste, seu dilegado. Ela quis que eu fizesse a mema/ coisa com o seu Jerônimo, que era o outro capanga dela. Quiria que eu enterrasse o home vivo. Eu fiz que enterrei, mas dexei ele ^{iscundido} ~~XXXX~~ e só enterrei depois que ele morreu memo.

DELEGADO - E você está a par de todos os crimes que dona Catarina praticou, ou mandou praticar.

BERTOLDO - Todos, talvez não, seu dilegado, mas alguns eu acho que eu sei. Uns que ela me mandou eu e outros que ela memo feiz.

DELEGADO - Bem, então agora você vai ficar preso e aguardar o seu processo. (TOM) Juventino, leva esse camarada e depois passa a maquina as declarações dele e leva o papel para ele assinar.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

TIRA - A senhora queriá falar com quem?

CLAUDIA - Com o senhor Delegado. Ele não está? O assunto é urgentissimo.

TIRA - Ele está, sim senhora. A senhora faça o favor de sentar um bocadinho e esperar que ele não demora. Foi lá dentro tomar um cafésinho.

CLAUDIA - O senhor não sabe me dizer em que pé está o processo do seu Rodrigo? Aquêle moço que foi acusado do crime da granja esperança, parece que é..

TIRA - Eu sei. Foi eu mesmo que estive lá com o seu delegado. O negócio parece que agora está tomando outro rumo, não sei... O chefe esteve aí falando, mas eu não prestei muita atenção.

CLAUDIA - Não é isto. Eu sei que o senhor não quer falar sem autorização dele e faz muito bem, mas dizer que não sabe bem, desculpe, mas eu não acredito.

TIRA - Dona, a gente aqui nunca sabe direito as coisas. Quando pensa que sabe, aparece um trôço que faz voltar tudo pra traz. A gente se arrisca a dizer bobagem, sabe como é?

C/REGRA - PASSOS QUE SE APROXIMAM - DE HOMEM.

TIRA - Aí vem o seu delegado.

DELEGADO - Boa tarde.

CLAUDIA - Boa tarde.

DELEGADO - A senhora querie falar comigo?

CLAUDIA - Sim, eu lhe trago, aqui, as provas da inocência de seu Rodrigo.

DELEGADO - Que é isto?

CLAUDIA - As gravações que eu fiz, lá no escritório de seu Patrônio, quando ele combinava os crimes com dona Catarina. Acredito que isto possa provar que não foi seu Rodrigo quem matou Catarina.

DELEGADO - Não é preciso mais prova nenhuma. O verdadeiro assassino já confessou o seu crime.

CLAUDIA
~~MINIMIMIM~~ - Não é preciso mais prova nenhuma? Depois de ter corrido tanto e me agoniado por vários dias e noites a fio? Por essa eu não esperava.

DELEGADO - Mas foi melhor assim. Não lhe parece? E depois, de qualquer maneira, talvez essas provas sejam úteis para prendermos o pai do rapaz.

CLAUDIA - Isso, para nós, é muito mais importante porque, na realidade, aquêle homem, solto, é um perigo constante. Ele está deente da cabeça e precisa ser ~~rapidamente~~ encerrado num manicômio judicial, o mais depressa possível. Si ao menos para isto as provas servirem eu já não lamentarei, por inúteis, os dias que perdi na busca dessas gravações.

DELEGADO - Elas vão servir, sim, pode estar certa e amanhã mesmo já vamos conseguir

DELEGADO - (CONTINUAÇÃO) a procurar esse tal de seu Petrónio, sobre quem pesam tantas acusações.

TRONICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

EUGENIA - Você não imagina a alegria que me deu, trazendo-me o Luizinho de volta. Só lamento o grande susto que o Pai lhe pregou.

CORÁLIA - Ficamos desesperadas, quando ele bateu na nossa porta. Felizmente Iracema conseguiu convencê-lo de que o menino não estava lá e de que havia brigado comigo por causa dele. E naquela mesma noite resolvemos vir para cá. Faz isso tres dias ele já deve vir vindo de volta de Belo Horizonte. Tomara que não volte a incomodar Iracema.

TEREZA - Ela ficou sózinha em casa? Aquele homem é muito perigoso.

CORÁLIA - Não, não... ~~ela~~ foi para a casa de uma colega que é muito amiga dela e por isso eu já fico muito mais descansada. Inclusive vão e voltam juntas para o trabalho.

TEREZA - Com aquele homem, todo o cuidado é pouco. Eu tenho um respeito dele que a senhora nem queira saber. Mas deixe lá que ele também me respeita.

EUGENIA - Tereza foi sempre a minha escora. Ele tinha ódio dela, mas não se animava a atacá-la.

TEREZA - Mas é porque ele sentia que eu não tinha medo dele. Isso tem muita importância, a senhora não acha?

CORÁLIA - Claro que tem. Iracema também tem coragem de enfrentá-lo. Eu não. Fico completamente trêmula e gaga na frente dele. Ela, interiormente, não digo que não se amedronte, mas aparenta uma calma que ninguém será capaz de pensar o que ela está sentindo.

EUGENIA - A senhora deve estar cansada e naturalmente gostará de se deitar cedo, não? Viajou a noite inteira de trem... a pior viagem que existe...

CORÁLIA - Sim, de fato eu estou cansada. Não só por ter passado a noite em claro, mas por ter ficado sempre com Luizinho nos braços. Ele já está bem mais pesadinho, agora.

TEREZA - Está, sim. O menino, felizmente, aproveitou, nesses dias que passou lá. Veio com o rostinho mais cheio e com melhor cor.

CORÁLIA - Ele tem muito apetite, lá. Alimenta-se muito bem. Talvez seja por isto.

EUGENIA - E pelo ar, também, que não é tão viciado como o nosso aqui.

O/REGRA - CAMPAINHA DE PORTA DE RUA.

EUGENIA - Ué! Tem gente aí. Quem poderá ser?

TEREZA - Talvez dona Claudia, para nos trazer notícias de Rodrigo. Ela disse que ia hoje vê-lo... Eu vou atender.

C/REGRA - PASSOS QUE SE APASTAM.

CORÁLIA - Coitado de seu Rodrigo! Tenho tido tanta pena dele! Um moço que a gente está sentindo que é incapaz de matar uma mosca e já é a segunda acção que atiram sobre o coitado. A primeira foi com titio... agora esta. O coitado deve estar verdadeiramente desesperado.

C/REGRA - BATIDA DE PORTA UM POUCO VIOLENTA EM TERCEIRO PLANO.

EUGENIA - Tereza bateu a porta, ou será que está vento? (TOM) Quem era, Tereza? (PAUSA) Tereza, quem era, Tereza? A Tereza está ficando surda, custa um pouco a ouvir o que a gente diz.

CORÁLIA - Não é ela que vem vindo aí?

C/REGRA - PASSOS QUE SE APROXIMAM/.

EUGENIA - Não me parece. (AÍFO) Tereza! É você?

PETRONIO- (2º PLANO) Sou eu. (APROXIMA-SE, DEPOIS)

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE DE SUSTO TREMENDO.

EUGENIA - O... o senhor?!... Mas... que quer?...

PETRONIO- Procurava esta moça e vim encontrá-la exatamente onde imaginei.

CORÁLIA - A mim?... O senhor disse... disse que procurava a mim?

PETRONIO- Exatamente. Procurava e o meu filho que esteve com a senhora até hoje.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

EUGENIA - Onde é que o senhor vai?

PETRONIO- Vou buscá-lo. Pois já não disse que vim para isto?

EUGENIA - O senhor não o levará. A não ser que me mate, primeiro.

PETRONIO- Afiance-lhe que não me será difícil. Matarei as duas, se for necessário.

EUGENIA - Petrónio, até quando você vai espalhar o mal em torno de você? Não basta o que já nos fez sofrer? Tenha piedade, Petrónio. Eu já não aguento mais o peso dos meus sofrimentos. Você quer ainda aumentá-los?

PETRONIO- Saia da minha frente, ou então eu não responderei pelo que possa acontecer. Saia, vamos.

EUGENIA - Não saio. Eu já disse que você terá que me matar, antes de tocar no menino.

PETRONIO - Pois então...

CORÁLIA - Dá um grito agudíssimo, de pavor.

C/REGRA - AO MESMO TEMPO DISPARA UM TIRO.

TÉCNICA - EXPLOSTO MUSICAL, FUNDE COM MUSICA PARA FINAL DO CAPITULO.

A MARCA DO ÓDIO

- Novela original de Erico Gramer -

86ª CAPITULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

PETRONIO - Matarei as duas, se for necessário.

EUGENIA - Petrónio, até quando vai espalhar o mal em torno de você? Não basta o que já nos fez sofrer? Tenha piedade, Petrónio! Eu já não aguento mais o peso dos meus sofrimentos. Você quer, ainda, aumentá-los?

PETRONIO - Saia da minha frente, ou então não respondo pelo que possa acontecer. Saia, vamos.

EUGENIA - Não saio. Eu já disse que você terá que matar, antes de tocar no menino.

PETRONIO - Pois então...

GORALMA - (DE UM GRITO AGUDÍSSIMO DE PAVOR.)

C/REGRA - EM CIMA DO GRITO DISPARA UM TIRO DE REVOLVER. GEMIDO PORTE DE PETRONIO. REVOLVER QUE CAI NO CHÃO.

POLÍCIA - Cheguei mesmo na hora de salvar as senhoras. Quem é esse homem?

EUGENIA - É meu marido, mas ele está doente das faculdades mentais. O senhor feriu-o?

POLÍCIA - Na mão, mas não deve ter sido nada de muito grave.

EUGENIA - E como foi que o senhor soube? Como conseguiu entrar aqui?

TEREZA - (UM POUCO AFASTADA) Eu fui na esquina chamar alguém e felizmente ele estava no bar, tomando cafésinho. Esse malvado estava tão desvairado que me deu um empurrão, entrou e esqueceu-se de mim, felizmente. Eu que já o conheço, prevendo o que ia acontecer, corri a buscar socorro.

GORALMA - E o socorro chegou na hora precisa. Quando dona Eugênia ia ser abatida.

POLÍCIA - A sorte foi terem encontrado a mim que tenho dois primeiros lugares de tiro, na corporação.

TEREZA - Tudo foi obra de Deus, nosso Pai, que teve piedade destas pobres e indefesas mulheres.

POLÍCIA - Arranje-me uma atadura para botar na mão desse moço violento, que eu quero levá-lo a prestar contas na polícia.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTÍSSIMA.

PETRONIO - (COMOQUE ACORDANDO) Hein? O que foi? Polícia? Você falou em polícia?

POLÍCIA - Falei, sim. O senhor terá que ir lá para prestar contas do que fez.

TEREZA - Ele está olhando para o revólver, no chão. Cuidado. Não o deixe pegar.

POLÍCIA - Não se preocupe, minha senhora, que ele está em boas mãos. (PAUSA) Pronto. Guarde esse revólver, pelas dúvidas.

TEREZA - Deus me livre! Eu não boto a mão nisto.

CORÁLIA - Dê-me aqui. Eu o guardo.

POLÍCIA - Saíam as três. É melhor. Entrem para o quarto e fechem-se por dentro. Esteu com a impressão de que vou ter que lutar contra um homem ferido. Não gosto de lutas desiguais, mas si êle me agredir, não terei outro remédio si não defender-me. Entrem todas, depressa.

C/REGRA - PASSOS PRECIPITADOS DE TRES MULHERES E PORTA QUE SE FECHA COM FORÇA, EM SEGUNDO PLANO.

POLÍCIA - Vamos, meu amigo. Vai ser pior, se resistir.

PETRONIO - (LOUCO EM VÉSPERA DE FÚRIA) Ninguém me tira daqui. (KAI CRESCENDO) Ninguém, ouviu bem? Aqui é a minha casa e não há quem me arranque daqui. (CRESCENDO ATÉ AOS GRITOS) Ponha-se na rua você, que ninguém o chamou aqui. Vá embora. Vá embora! Vá embora...

C/REGRA - RUIDO DE UMA SOPEIRA (POR ~~RETRÁS~~) ESPATIFANDO-SE CONTRA UMA PAREDE E OS CACOS CAINDO NO CHÃO, COM ESTARDALHAÇO. PEQUENA PAUSA E SEGUE A LUTA ENTRE OS DOIS EM 2º PLANO. (A LUTA PASSA, DEPOIS DA PRIMEIRA QUEBRA, PARA SEGUNDO PLANO) CAEM CADEIRAS, QUEBRAM-SE COISAS, PASSOS MURROS ETC.

EUGENIA - Que horror, meu Deus! Ele já estava ferido... como irá ficar?

TEREZA - Isso é o que menos importa agora. Temos que torcer é para o policia poder subjuga-lo. Um louco enfurecido tem uma força tremenda.

CORÁLIA - Eu tremo como vara verde. Veja.

EUGENIA - Por felicidade meu filho não acordou, si não ia ficar muito assustado.

TEREZA - Quem sabe uma de nós pula a janela para o jardim e vai chamar alguém para ajudar o guarda?

CORÁLIA - Eu posso fazer isto. Querem?

TEREZA - Acho melhor. Mas tome, leva a chave da porta, para poder entrar.

C/REGRA - OS RUIDOS CESSAM BRUSCAMENTE EM 2º PLANO.

EUGENIA - Espere. Parece que a luta terminou. Talvez não seja preciso chamar ninguém. Uma coisa tão desagradável, seria melhor que os vizinhos não tomassem parte.

C/REGRA - BATIDAS NA PORTA DO QUARTO.

TEREZA - Meu Deus! quem terá vencido esta luta? Quem estará batendo?

EUGENIA - (MEDROSA) Quem... quem é?

POLÍCIA - (CAMBADO, EM 2º PLANO) Pode abrir... sou eu...

C/REGRA - RUIDO DE ABRIR PORTA COM CHAVE.

EUGENIA - (ASSUSTADA) Que aconteceu com êle?

POLICIA - Está desmaiado. E temos que tratar de levá-lo enquanto êle não volta aos sentidos. A senhora me empresta o telefone?

TEREZA - Pois não. É aqui.

G/RINGRA - RUÍDO DE DISCAR SEIS NÚMEROS.

TÉCNICA - ENTRA FORTE, COBRINDO O TELEFONE, A CORTINA MUSICAL.

LEILA - Como está a senhora hoje?

ARABELA - Um pouco melhor. As notícias que me trouxeram do meu neto, serviram pa-
ra levantar-me o ânimo.

LEILA - Sim. Felizmente talvez ainda hoje ou no máximo até amanhã, ele será de-
finitivamente libertado.

ARABELA - E de Petrônio, quais são as notícias?

LEILA - Já está internado no manicômio judiciário. Rodrigo ficou muito abatido,
quando soube, mas era a melhor solução; não lhe parece?

ARABELA - Claro. Ele não podia continuar solto, espalhando maldades. Aliás, neste
ponto eu estou tranquila, Leila. Não foi por minha causa que ele adoeceu.
Desde os tempos de minha filha que êle tinha umas crises muito exquisi-
tas e um dia o médico nos disse que êle necessitava de um tratamento
muito especial para os nervos e para a cabeça. Teve uma crise, quando
eu lhe disse. O resultado é que nunca mais me animei a tocar-lhe no as-
sunto. Deixei que as coisas corresse[m] pela vontade de Deus.

LEILA - Mas eu acho que a senhora está falando demais e não deve cansar-se. Seu
neto estará aqui, hoje ou amanhã, e gostaria de vê-la animada e contente.

ARABELA - Não sei, Leila, não sei... Acho que perdi meu neto para sempre.

LEILA - Não diga isto. A senhora vai ver que não. Aposto o que a senhora quiser
como, ao sair da prisão, antes de ir lá em casa vêr-me, virá aqui.

ARABELA - (ESPERANÇADA) Você acha sinceramente isto?!

LEILA - Juro-lhe. E acho muito justo que seja assim, porque a senhora o quer
muito há muito mais tempo que eu.

ARABELA - Sim... sim... e foi por muito amor a êle que arrastei, pela vida, um
tão feio pecado. Mas fui tão castigada... tão castigada... que espero
estar reinada perante Deus!

LEILA - Está, sim. E agora não fale mais e trate de descansar.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

LEILA - Eu disse a ela que você iria primeiro lá, por isso não diga nada que eu
teve aqui.

RODRIGO - Eu nem sei se irei lá. Nem sei.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE

LEILA - Como?!... Você não sabe se vai ver sua avó, Rodrigo? Mas ela está doente. Muito doente. O médico ainda hoje me disse que não sabe si ela conseguirá sair desta. Ao seu pai você vai perdê-lo tudo, não vai?

RODRIGO - Já perderei. Mas é diferente. Papai é um doente mental, e não tinha por feita consciência do que fazia. Vóvó, não. Vóvó, por maldade, prejudicou minha madrastra da maneira que você sabe. E todos sofremos as consequências dessa maldade. Meu irmão, eu, Tereza e até as pobres moças que eu tomaram conta de Luizinho. Claudia, a sua ex-secretária, também sofreu os reflexos dessa maldade. Você sabe de tudo, não precisa lembrar-lhe.

LEILA - E você acha que sua Avó não era também uma doente? Uma mulher, que por ciúme da filha morta, destrói um lar e lança a família toda na infelicidade, que é sinão uma doente de ciúmes? E o excesso de ciúme o que faz? A loucura, também. (PAUSA) Pense no que lhe digo e perdoe a sua velha avó, às portas da morte e que não teve maior amor no mundo sinão aquele que lhe dedicou.

RODRIGO - Você, Leila, com essa sua doçura, acaba forçando a gente a fazer aquilo que não se tem vontade.

LEILA - Não, querido, eu não quero forçá-lo a perdoar sua avó. Quero apenas que você desperte para as razões que a levaram a fazer o que fez. Errou, sem dúvida, mas errou por muito amor. E os erros de amor, se foram sempre perdoados por Deus, por que não o deverão ser por nós? Vá, meu querido, vá. Vá dar um beijo em sua avó. E minta-lhe que ainda não esteve aqui.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

ARABELA - Como Leila conhece você, meu neto querido! Sabe que ela quis apostar comigo como você viria aqui em casa, antes de ir vê-la? E você não sabe o quanto isto me fez feliz, meu filho! Agora... já posso morrer.

RODRIGO - Não fale em morrer, Vóvó. Leila quer que a senhora seja sua madrinha de casamento... a senhora não poderá morrer, antes disto.

ARABELA - Leila é um anjo! Um verdadeiro anjo!... Vocês vão ser muito felizes, meu filho. Muito felizes!...

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

EUGENIA - É uma pena que você não queira ficar conosco, Corália. Nós ficaríamos tão felizes... você ia nos ajudar tanto... afinal... Tereza está velha... está cansada... Você não seria, na minha casa, uma empregada, entende bem...

CORÁLIA - Eu sei, eu sei. Não é por isto, absolutamente. É por minha irmã, unicamente. Somos só as duas... como p'isso deixá-la em Ouro Preto e viver aqui? Não me parece justo. Tanto mais que ela trabalha e precisa de mim em casa. Sou eu que arrumo a casa, que faço a comida, enfim, tudo. Se ela estivesse aqui, seria diferente. Poderíamos conseguir um apartamento aqui perto e tudo mudaria de figura.

EUGENIA - Pode ser que Rodrigo consiga a ~~xxxx~~ transferência dela para cá. Não gostariam?

CORÁLIA - Muitíssimo. Tanto eu como ela, mas sabemos que é muito difícil. Muito difícil mesmo.

EUGENIA - Não importa. Vou pedir a Rodrigo que tente, mesmo assim. Pode ser que Deus nos ajude. E vai nos ajudar, tenho certeza. Além de boas amigas, vamos ser, ainda, muito boas vizinhas.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

RODRIGO - O senhor é o diretor do manicômio?

DIRETOR - Perfeitamente. Às suas ordens.

RODRIGO - Eu sou filho do senhor Petrólio Larré e queria conversar com o senhor a respeito dele.

DIRETOR - Pois não. Ele já está fazendo tratamento.

RODRIGO - Pois era isto, exatamente, que eu desejava saber. Queria dizer-lhe que faça tudo que for preciso. Eu estou disposto a enfrentar todas as despesas que se fizerem necessárias.

DIRETOR - Infelizmente, pelos exames que fizemos, até agora, parece que o mal é incurável. Mas de qualquer forma ele poderá melhorar bastante com o tratamento e de toda a maneira convém fazê-lo.

RODRIGO - Sim, sim... eu quero que não lhe falte nada. E vou deixar-lhe aqui o meu telefone, para o senhor se comunicar comigo, se houver necessidade.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

CLAUDIA - Nosso casamento é no sábado próximo e eu gostaria que a senhora e seu Rodrigo fossem meus padrinhos no ato religioso. Posso contar?

LEILA - Naturalmente que sim, Cláudia. Como poderíamos rejeitar uma honra destas? O casamento é lá mesmo em Cabo Frio?

CLAUDIA - Sim. Heitor faz questão de casar na mesma igreja que seus pais...

LEILA - É justo. Quer manter a tradição.

CLAUDIA - Exato. Eu gostaria mais de casar aqui, onde tenho todos os meus amigos, mas não me achei com o direito de exigir nada. Ele é tão bom!

LEILA - Claro... fez muito bem. E os amigos que quizerem poderão ir até lá. Afinal... cabo frio não é no fim do mundo.

CLAUDIA - Foi exatamente o que mãe disse. Ela está tão feliz, que a senhora precisava ver. Ele quer levar meu irmão aos Estados Unidos, para fazer um tratamento especial que fazem lá. Disse que ele vai melhorar muito e talvez, até, possa ficar bom. A mãe disse que quando se imagina nos Estados Unidos, pensa que está sonhando.

LEILA - Coitada! Tem razão para estar feliz, mesmo.

CLAUDIA - A senhora vai ver a casa que ele preparou para nós morarmos.

LEILA - E sua mãe vai morar junto?

CLAUDIA - Ao lado, mas com uma porta de comunicação. Ele tem uma cozinheira antiga, muito boa, ela vai cozinhar na casa de mãe e nós vamos comer lá.

LEILA - Ótimo! Assim vai ficar esplêndido para você.

CLAUDIA - Muito bem. Então posso contar com a senhora e seu Rodrigo, no sábado?

LEILA - Mas naturalmente que pode. A que horas é o casamento?

CLAUDIA - Às seis da tarde na Igreja e depois a recepção em casa da mãe dele.

LEILA - Ótimo. Iremos, sim. E se você tiver duas ou três amigas que queiram aproveitar a nossa condução, dê o nosso endereço e elas que nos procurem ^{para}. Vamos ter três lugares no carro, seria um egoísmo não oferecê-los a quem tenha vontade de ir e não possa.

CLAUDIA - Esplêndido! Tenho exatamente três amigas nessa situação e vou mandá-las aqui para combinarem direitinho com a senhora.

LEILA - Pode mandar. Por você eu as levarei com o maior prazer.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

BELMIRA - Sua mãe mandou lhe dizer que faltam quinze minutos para a hora marcada para o casamento. Que a senhora trate logo de descer para não chegarem atrasadas na Igreja.

LEILA - É este véo que eu não consigo prender a meu gosto. Ajude-me, Belmira, pelo amor de Deus. Não quero fazer Rodrigo esperar muito tempo no altar.

BELMIRA - O que é que a senhora está achando do véo? Ele está muito bom. Talvez um pouco mais para trás a corcasiinha de botões de laranjeira. (PAUSA)
Veja agora.

LEILA - Ah, era isto, exatamente, que eu estava achando. Faltava uma coisa e eu não atinava o que era. Também, pudera... estou tão nervosa...

BELMIRA - Olhe as luvas. Vai vesti-las?

LEILA - Sim. Podia deixar para vestir durante o trajeto, mas quero ver o efeito com elas enfiadas nos braços.

BELMIRA - Então vamos descendo que a sua mãe vai enfiando uma, enquanto eu enfio a outra, para não demorar muito. Lembre-se que ainda tem uns quinze minutos de trajeto até à Igreja.

LEILA - Sim, sim, Belmira, você tem razão. Vamos descendo e eu ponho as luvas lá embaixo. Por favor, segure a cauda e vamos.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAR TODAS GENAS. FUNDE COM A MARCHA NUPCIAL POR ALGUNS MOMENTOS. A MARCHA CAI PARA BG APIM DE FAZER FUNDO AS VOZES.

EUGENIA) TODOS DESEJAM FELICIDADES, E ABRACAM QUASI AO MESMO TEMPO, OU UM LOGO
TEREZA)
CLAUDIA) A SEGUIR DO OUTRO. (PALAVRAS DE CADA UM)
ARABELA)
HOMEM) LEILA E RODRIGO
RODRIGO) ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ AGRADECEM, FELIZES E SORRINDO OS VOTOS QUE RECEBEM
LEILA) TAMBEM COM PALAVRAS PRÓPRIAS. (PARA DAR MAIOR NATURALIDADE A CENA)

TÉCNICA - SOBE A MARCHA NUPCIAL EM FUNDO POR ALGUNS MOMENTOS E FUNDE COM CORTINA MUSICAL. A SEGUIR PASSA A AUTOMÓVEL RODANDO QUE FICA EM B/G.

RODRIGO - Está feliz, querida?

LEILA - Felicíssima, meu amor. Principalmente quando me lembro que as nuvens negras passaram e que o sol voltou a brilhar sobre as nossas vidas!

RODRIGO - Toda vida desejei passar minha lua de mel em Salvador, mas agora estou recioso de não ter dito a você que escolhesse o lugar que mais desejasse. Tenho medo que você não chegue a gostar da Baía tanto quanto eu gosto.

LEILA - Não se preocupe, querido. Vou gostar, sim; tenho absoluta certeza. Onde quer que eu esteja, ao seu lado, esse lugar me parecerá o paraíso.

RODRIGO - Eu é que posso dizer isto, porque arranjei um anjo para esposa.

TÉCNICA - SOBE O RUÍDO DO MOTOR POR ALGUNS MOMENTOS E VOLTA A BAIXAR.

LEILA - Não corra demais, Rodrigo. Quanto mais demorar nossa viagem, mais contente eu estarei.

RODRIGO - É que eu preciso das minhas mãos e elas estão presas a este volante.

LEILA - Não importa. Pare o carro... utilize as mãos como desejar... e depois prossiga.

TÉCNICA - RUÍDO DE FREIAR UM CARRO E PARAR.

RODRIGO - Era isto que eu desejava fazer, há horas. Abraça-la com todo o calor do meu coração apaixonado. (PAUSA) (BEIJO LONGO) Meu amor!... Minha que

RODRIGO - (CONTINUAÇÃO) rida!...

LEILA - (SALDO DE UM BEIJO) Meu tudo!...

RODRIGO - Nosso amor há de apagar a "marca do ódio" que assinalou por tanto tempo a nossa vida!...

TECNICA - AUTOMOVEL ARRANCA E VAI SUMINDO PARA ENTRAR EXPLOSAO MUSICAL QUE DEVERA ENCERRAR A NOVELA, COROANDO O ATO FINAL.
